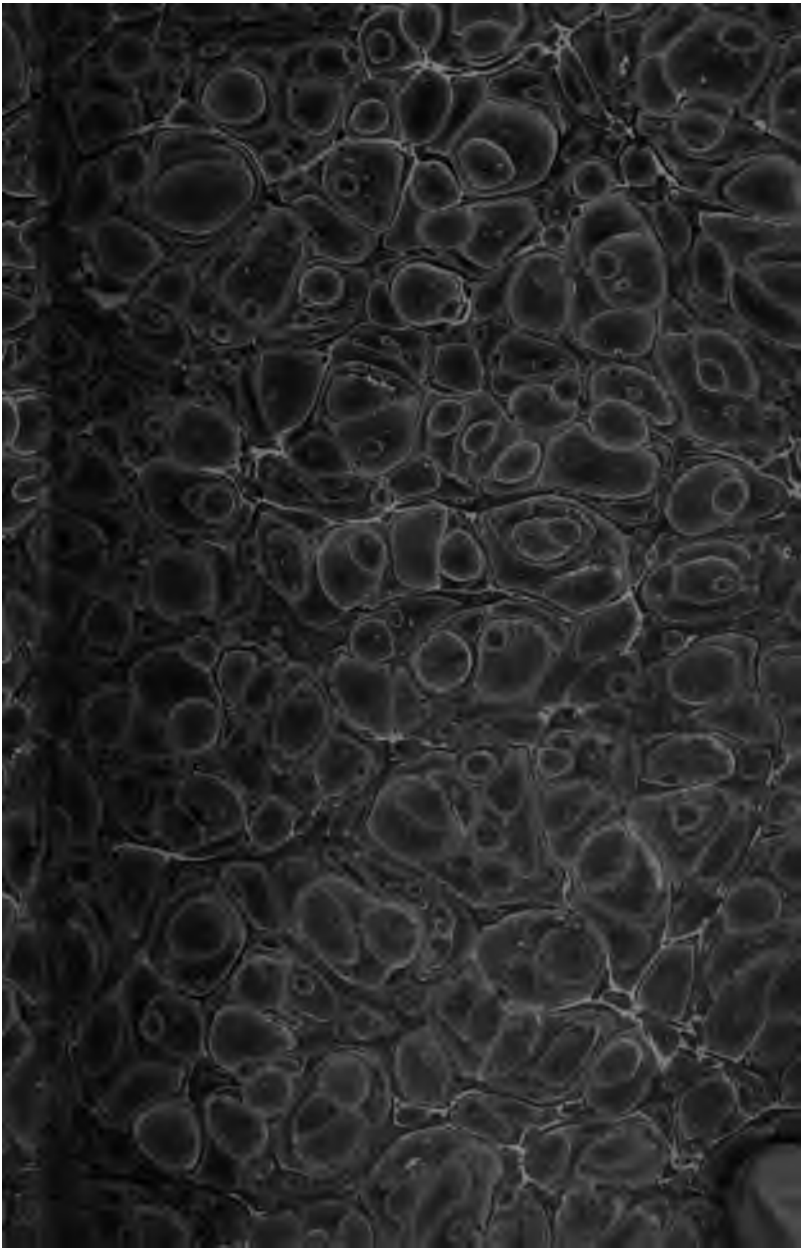

ENSAIOS LITTERARIOS

ENSAIOS
LITTERARIOS

POR

J. M. PEREIRA RODRIGUES

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
RUA DOS CALAFATES, 110

1862

AO CONSELHEIRO

ANTONIO JOSÉ VIALE

Socio effectivo da Academia Real de Sciencias, e Lente da 2.ª Cadeira do Curso Superior de Lettras

«Com dicção pura, grave, ornada, amena,
Encanta, ensina, e move, o sabio, e o rude.»
BOSQUEJO METRICO. C. 4.º

José Maria Bastos.

DUAS PALAVRAS AOS LEITORES

O auctor do livro que vae lêr-se não é homem de lettras. Deseja vir a sêl-o, e para isso estuda. Se lhe acharem alguma vocação, se encontrarem, espalhadas por esses escriptos, algumas sementes, que possam, cultivadas, chegar a produzir fructo sadio, com isto se contenta, e a nada mais aspira por agora.

Este livro contem artigos publicados em diversos jornaes litterarios, e uma nota ao verso 23 do livro 5.º dos *Fastos* de Ovidio. Repetidas instancias de mestres e amigos, mais benevolos do que justos, levaram o auctor a reunil-os em volume. O publico lhe dirá se deve continuar, e ousar maiores commettimentos.

I

O PASSEIO PUBLICO

José Maria Martins

I

O Passeio Publico

O passeio publico é um dos pontos de reunião, onde se póde mais facilmente estudar a sociedade lisbonense, que, ao contrario da de Madrid, gosta pouco de passear.

No inverno, das 3 ás 5 horas da tarde, e no verão, das 7 em diante, encontram-se ali as nossas mais bellas elegantes; admiram-se as *toilettes* mais em moda, e mostram-se os nossos mais temiveis *dandys:* as outras horas do dia são para as criadas graves, que trazem os meninos da casa a passear, e para os seus segisbéos, que aproveitam a occasião de lhes offerecerem uma saudade perpetua, ou um amor perfeito roubado ao municipio; para os rapazes que faltam ao collegio, e vendem

os livros, cujo producto é applicado á *vermelhinha* do café-concerto, menos um vintem gasto em cigarros *bregeiros* de tabaco podre, que lhes arruina a saude; e, finalmente, para algum empregado publico, que atravessa o jardim na ida para a secretaria, ou na volta para casa.

Aos domingos, durante as duas horas em que a banda de musica de um dos corpos militares da capital deleita os ouvidos dos passeantes, a concorrencia costuma ser numerosa, e compor-se de todas as classes.

O caixeiro da loja de modas, copia ou caricatura dos figurinos do *Mensageiro das Damas*; o empregado publico dando o braço á *cara* consorte que leva pela mão nm filho de cinco annos a choramingar, e revendo-se nas duas filhas mais velhas que vão na frente ostentando as modestas galas domingueiras; a meretriz adornada com objectos de valor, ordinariamente de mau gosto, daquelles a que os francezes chamam *toilette tapageuse;* o operario, que trocou nesse dia o circo de mad. Tournour pelo theatro da rua dos Condes, e quer poupar de tarde para gastar á noite, chegam primeiro, occupam os bancos em roda do tanque da entrada principal, onde outr'ora figuravam tritões e sereyas de pedra, que foram substituidos pelo pequeno repucho actual, sentam-se nas cadeiras ao pé do corêto, ou passeiam pela rua central.

Uma hora depois, os *trens* estacionados junto

á meia laranja ante os pesados portões de ferro, seguros a grossos pilares de marmore, que fecham o passeio pelo lado do meio-dia; as caleches, os coupés, as americanas e os tilburys, annunciam que a *boa sociedade*, a sociedade elegante, já percorre em oppostas direcções a rua occidental, que é a preferida geralmente, por ter mais sombra que as outras.

As damas mais conhecidas pelos raros dotes de belleza, de elegancia, ou de talento, e os seus satelytes; todos os que sáem fóra do commum pela intelligencia, pela posição, pela fortuna, ou pela estravagancia, jornalistas, membros do parlamento e ministros de estado, capitalistas, militares de todas as graduações, negociantes, *dilettanti* e *leões*, giram por entre as alamedas de copado arvoredo, rodeadas de graderias de ferro á moda dos *squares* inglezes, e misturam-se indifferentemente com as outras classes de passeantes.

É principalmente n'um esplendido dia de inverno, quando o sol brilha desassombrado, o ceu retinto de azul puro faz morder de inveja os naturaes da soberba Albion, e enche de saudades algum foragido filho da formosa e infeliz Italia, que quem sobe por alguma das duas escadas do pequeno terraço, limite do passeio pelo lado septentrional, gosa de um espectaculo surprehendente, lançando a vista para aquelle verdadeiro kaleidoscopo humano.

A legião de folhetinistas, chronistas e noticiaristas dos jornaes politicos, em que abunda esta capital, conseguiu, não sem mais de uma refrega, porque em Portugal nenhum melhoramento real se obtem sem renhido combate, que os meritissimos vereadores da camara municipal illuminassem o passeio publico, dando-nos assim um logar aprasivel para substituir o muito antigo *passeio da lage* nas noites calmosas do estio.

A concurrencia de noite é ordinariamente pouco numerosa, mas em compensação, quando o producto das entradas se destina a beneficio de algum estabelecimento pio, ha sempre grande affluencia d'este bom povo, que se compraz na pratica da primeira virtude christã, por todos os meios que se lhe apresentam, de modo digno de servir de exemplo ás nações mais cultas.

Deve-se, comtudo, confessar que o fogo de vistas, portuguez ou estrangeiro, augmentando as diversões d'este bello passatempo nocturno, contribue poderosamente para augmentar a consideravel multidão que ali se agita, quando ha illuminação em beneficio do asylo do Campo Grande, do asylo de raparigas abandonadas, ou do asylo de mendicidade.

As 500 cadeiras que a administração deste ultimo estabelecimento tem julgado sufficientes para toda a gente que vae ao passeio, e ainda as pertencentes ao café-concerto, todas estão occupadas

por quem tem a fortuna de chegar a tempo de conseguir alguma.

Diversas familias costumam mandar vir cadeiras de casa, como unico recurso, e em grupos pittorescos veem tudo n'uma commodidade santa, mas o maior numero não póde sentar-se nem nas ruas do jardim, nem no pavilhão, e a multidão vae e vem, n'um redemoinho confuso, crusando-se, parando e agglomerando-se em frente do palco do café, ou junto ao coreto da musica dos marinheiros da armada, e acotevelando-se, pisando-se e esmagando-se, pertende passar a noite folgando e divertindo-se com a gravidade, semsabor e estupida de certa casta de gente, que gosta de viver n'uma seriedade postiça.

É magnifico o effeito que produz tão variado e numeroso concurso n'aquelle bello parque, illuminado por milhares de luzes de gaz, agitadas de continuo pelo vento; é phantastico o movimento incessante d'aquellas ondas de gente, rolando umas contra as outras, mas faz lembrar com saudade da frescura e amenidade, que tão agradavelmente se costuma gosar ali n'outras noites, e que então se tornam em muito calor e muita poeira.

As *sereias* francezas do café-concerto, cuja direcção *alugou* parte do passeio publico, são sempre estrondosamente applaudidas com palmas e bravos, e recebem de vez em quando suas corôas e *bouquets* de *dilettanti* de bom gosto, intelligentes

appreciadores do bello, que não teem mais que fazer.

Os applausos misturam-se o confundem-se com os assobios e apupos dos gaiatos fóra das grades do jardim, e com o ladrar dos cães, que responde insolentemente aos trilos e volattas dos *bravos* artistas.

A banda militar dos marinheiros attrae os amadores de boa musica, que preferem sentar-se nos bancos de cortiça, unicos bancos ruraes que possue este paiz, essencialmente agricola, escutando um trecho de Bellini ou de Verdi, a ouvir os gorgeios desentoados das Malibrans de café.

O que em vão se procura as mais das vezes em tão grande rennião de donas e donzellas, sentadas nas fileiras de cadeiras que orlam a rua larga e enchem os intervallos das mezas no espaço entre o botequim e a orchestra, o que nem sempre se encontra entre alguns rostosinhos de belleza duvidosa, é uma d'aquellas formosuras capazes de incendiar o coração de algum pobre diabo de vinte annos, e de inspirar um novo poeta de fantasia e de aventuras amorosas, como Lamartine chama ao Tasso.

Em todo o verão do anno passado só me lembro de ter visto representada ali a primeira realeza da terra, a belleza, por uma realisação sublime do sonho da imaginação mais ardente e mais exaltada. Pallida, a pelle assetinada e transparente, os

olhos negros, languidos e ternos, os labios finos e levemente descorados, vestida com perfeita elegancia, delicado bom gosto, e poetica simplicidade, como mulher verdadeiramente bella e que sabe que o é, aquella senhora reclinada n'uma cadeira com provocadora voluptuosidade, prendia irresistivelmente a attenção de quem fitava nella a vista.

A pallidez, o narisinho flexivel agitando se em convulsões febris, o seio oscillando apressado sob a camisinha de gaze, a cintura de vespa, como que chamando um braço varonil para cingil-a, tudo, na figura e no semblante, respirava desejos impetuosos, tudo fazia suppor uma imaginação, devorada por pensamentos ardentes, um coração cheio de amor, de ciume, de dedicação. Era uma belleza lasciva, mais picante do que regular. Era o typo da paixão sensual.

A *crinoline*, fazendo levantar um pouco o vestido deixava perceber um sapatinho de pellica, mal contendo um pé breve, estreito e nervoso, cuja alvura transparecia a despeito da meia de seda.

O olhar não se desprendia facilmente daquelle pé de desenho regularissimo, e de pequenez fabulosa. Podia fechar-se inteiro na mão. Nem o burzeguim da Esmeralda, nem as botinhas da Clotilde de Alphonse Karr, nem o pantufo de Cendrillon eram mais pequenos do que aquelle sapato de pellica preta, arqueado e elegante, luzindo como um

espelho, com um salto microscopico de admiravel perfeição.

Com a mão estreita, fina e aristocratica, segurava uma delicada lunetinha, que assestava com indifferença para um e outro lado.

Li, não sei onde, que a belleza da mulher tem emanações, que a revellam a todos os sentidos. O ar embalsamava-se com a presença daquella.

A lua espalhando-se no lago, fazia com o reflexo prateado, empallidecer a luz do gaz. O murmurio de um jorro de agua, caíndo brandamente de *meu patrio Tejo*, os mil perfumes recendendo das flores surpresas de as não deixarem segredar com a brisa suave, que substituira os ardores do sol, a presença daquella mulher perturbavam-me a alma com tão suaves commoções, que ainda hoje me recordo dos breves instantes dessa noite.

A's 11 horas começa o fogo de vistas. Uma bateria de morteiros é a symphónia obrigada a annunciar o principio da funcção, e logo, como por encanto, o brilhante panorama, que se desenrolava á nossa vista, muda inteiramente de aspecto. Todos se voltam para onde o fogo está armado, e quem tem uma cadeira transforma-a em palanque.

Os amadores das bichinhas de rabear e das rodinhas de fogo, correm a tomar logar de frente em quanto os zeladores da camara municipal, que tambem zelam a boa ordem d'este divertimento, lhe não prohibem de passar além.

Aqui, vê-se crusar a rua uma senhora, pelo braço de seu marido, que procura commoda posição para poder gosar bem o superebendente effeito da peça final, e atraz vae o amigo da familia, levando duas cadeiras. Ali, tres cavalheiros conhecidos, cedem de muito bom grado, e com a maior galanteria, as cadeiras em que estão sentados, para a ellas subirem tres encantadoras meninas, que junto d'elles se queixavam á *mamã* de não poderem admirar senão alguns foguetes de lagrimas.

Um enamorado-mancebo aproveita a occasião em que o pae da menina dos seus olhos está extasiado, á vista da força e firmeza de côres de um foguete de estrellas, para lhe beijar a mão a ella, fingindo acompanhar o futuro sogro no enthusiasmo pelos artistas nacionaes.

Quando estala alguma bomba, o povoleo lá da rua solta um d'aquelles ahs! de pasmaceira e zombaria, proprios de todas as occasiões de regosijo da arraia miuda.

Logo que acaba o espectaculo pyrotechnico, a maior parte da gente procura sair em chusma, e aos encontrões, como arrependida de ter deixado por uma vez o habito patriarchal de se deitar com o pôr do sol, ou de ficar em casa jogando a bisca em familia. Raros grupos esperam o ultimo toque da sineta que dá o signal de retirada. Meia hora depois do fogo, só se ouve naquelle vasto parallelogrammo, ainda ha pouco tão animado, o saudoso

murmurar do arvoredo, gemendo com o soprar do vento.

Quando SS. MM. se apresentam, como simples particulares, no meio daquelle povo de todas as classes e condições, são acolhidas com taes provas de sympathia, que valem bem os gritos de enthusiasmo pago, com que os tyrannos são saudados n'outros paizes [1].

Nos bons tempos que já lá vão, quando o passeio publico ainda conservava todas as provas de mau gosto de quem foi encarregado pelo marquez de Pombal de tornar em jardim a nesga de terra, entre S. Roque e Sant'Anna, prolongamento do valle em que assenta a cidade baixa; quando altos muros, forrados de hera e de arbustos, e abertos de espaço a espaço pelas janellas engradadas e guarnecidas de dois assentos ou poiaes de pedra, mal deixavam ver o que se passava lá dentro, alguns gaiatos espreitando pelas toscas ripas, que fechavam o passeio pelo lado da entrada principal, que era então onde agora começa a rua do centro, ou os officiaes da botica e os gallegos do chafariz, que occupavam o logar da tosca cascata onde os parvalheiras admiram agora uma nayade e dois cysnes de pedra [1] mais de uma vez surprehenderam algu-

[1] Esta scena, que se repete muitas vezes no anno, foi já magistralmente representada n'um quadro magnifico, que occupa um logar distincto na galeria de S. M. o sr. D. Fernando, attestando o engenho de um artista portuguez.

mas entrevistas de felizes mortaes, feridos pelo deus vendado, que procuravam o passeio publico da cidade como um dos sitios menos frequentados e mais propicios aos seus colloquios.

Hoje os symetricos recortes, cuja elegante variedade no desenho lhe tirou a monotonia da regularidade demasiada, na extensão de cerca de 1200 pés de terreno, são mais descobertos e estão sempre vigiados por trabalhadores e guardas, em consequencia do que as entrevistas amorosas foram transferidas para o pequeno jardim de S. Pedro de Alcantara. e para o pittoresco e alegre passeio da Estrella.

Setembro de 1858.

[1] Escultura saida da nossa academia de bellas artes.

II

UMA VISITA AO MUSEU DE PINTURAS DE SEVILHA

sado, e que são outras tantas obras d'arte, onde se apresentam todos os estylos architectonicos com a perfeição dos tempos de sua maior grandeza e explendor.

Ouvira missa na cathedral christã, e gosára os mais ricos e variados panoramas, que jámais vos figurou a imaginação, e que se desenrolam á vista de quem sóbe ao relogio de D. José Cordero, no alto da Giralda musulmana; passeára no salão dos embaixadores do palacio de fadas, que se chama o Alcazar dos reis mouros, e ouvira a historia do infeliz infante castelhano D. Fradique; tivera a paciencia de vêr impassivel assassinar Verdi no bello theatrinho de S. Fernando, e applaudira por delicadeza a *prima-donna* Peruzzi e o tenor Landi, que faziam as delicias do publico sevilhano; invejára o palacio dos duques de Montpensier no antigo collegio de S. Telmo, e admirára a famosa casa de Pilatos.

Esses monumentos onde a ordem corynthia nos mostra as suas bellas columnas, a dorica a sua severa rigidez, e a jonica a sua elegancia caracteristica, onde a cada passo se encontram documentos traçados pela mão ou pelo buril do cartaginez, do romano, do godo, do arabe e do hespanhol; esses sumptuosos edificios, soberbos palacios, e templos magestosos, animados pela alegria e bullicio das festas populares, ou pelas divinas impressões da religião, produziram-me varias e agradaveis com-

moções, que recordava olhando, sem as vêr, para as ricas *tiendas*, ou lojas, que ficam em frente da hospedaria, e lembrava-me, não sei porque, com as lagrimas nos olhos, do malfadado pedestal da memoria do Rocio!

De repente dou de cara com um portuguez, meu amigo, o qual, depois de expressa á reciproca admiração do inesperado encontro, propoz irmos dar um passeio até á ponte de Triana, d'onde se gosa o delicioso espectaculo offerecido pelas margens, sempre virentes, do poetico Guadalquivir, que muito fazem lembrar as do nosso placido e saudoso Mondego. Mal tinhamos, porém, dado alguns passos encontrámos outros dois compatriotas, mancebos conhecidos em Lisboa, que voltavam de Tetuão, onde tinham ido mostrar aos mouros que ainda não estava extincta a raça dos conquistadores do Al-Garb. Abraçamo-nos, e começámos a fazer mil perguntas uns aos outros, tendo mudado de direcção, e caminhando para o museu, pois que os nossos amigos para lá se dirigiam.

Assim chegámos ao lindo, mas solitario e por tanto triste jardim em frente do convento de *la Merced*, e entramos no edificio, acompanhados do competente *cicerone*, e precedidos do porteiro, que nos franqueára a entrada, ao apresentar-se-lhe a licença assignada pelo secretario da commissão de monumentos historicos e artisticos da provincia de Sevilha, o sr. D. Miguel de Carvajal y Mendieta.

II

> Comme la galerie Pitti, á Florence, qu'ont aussi rassemblé successivement les grands ducs de Toscane, il n'est, en définitive, qu'un cabinet d'amateur.
>
> LOUIS VIARDOT — *Musées d'Espagne*.

Estas linhas não são de fórma alguma um juiso critico, nem apreciação artistica das admiraveis creações e producções do genio, que este riquissimo deposito contém, e que tão orgulhosa tornam, com justificado motivo, a rainha da Andaluzia. Conto ao leitor o que vi, desculpe-me elle, pela franqueza com que a confesso, a minha incompetencia n'estes assumptos. «Isto pensava, isto escrevo; isto tinha n'alma, isto vae no papel; que d'outro modo não sei escrever [1].»

O cuidado que se tomou, no meio dos embaraços de continuas guerras civis, em reunir as obras de pintura, que ornavam os conventos extinctos, para enriquecer com ellas o museu de Madrid, e para formar museus provinciaes, em vez de as vender a estrangeiros, prova que a Hespanha, como escreve Viardot, ufanando-se com justiça dos primores d'arte que produziu, sente acordar o desejo

[1] Garrett.—Viagens.

de produzir ainda, e de dar successores aos seus grandes artistas.

O museu de Sevilha é de fundação recente, pois data de 1838, e está situado, como disse, no antigo convento de *la Merced*, que tendo mudado de destino guarda todavia a sua graciosa architectura do XVI seculo, as suas columnas mouriscas, e os seus claustros onde os sentidos se enebriam com o perfume das larangeiras. Tem, se me não engano, cinco salões, e n'elles estão commemoradas as tres escolas principaes de Valença, Toledo e Madrid; mas a que está brilhantemente representada é a grande escóla sevilhana, em que se fundiram as de Valença, Cordova, Granada e Murcia. Não obstante, porém, o numero e o valor das obras d'arte que o compõem, não obstante o seu actual destino, que o abre aos estudos dos artistas, e á curiosidade do publico, o museu de Sevilha parece mais uma grande galeria particular, do que um museu na rigorosa accepção da palavra.

O primeiro salão em que entrámos occupa a antiga egreja, que consta de uma só nave, e cuja planta representa uma cruz latina. Estava em grande desordem por causa das refórmas de ha muito reclamadas, e que finalmente começavam.

O que prende logo a attenção de quem entra ali pela primeira vez, é um grande quadro representando a *Apotheose de S. Thomaz d'Aquino*, que é considerada a obra prima de Francisco de Zur-

baran, e que levado a Pariz, no tempo do primeiro imperio, soffreu sem desvantagem as comparações feitas pelos competentes com a celebre *Transfiguração de Raphael*. Na parte superior do quadro apparece o Santo, entre quatro doutores da igreja; na inferior destaca a figura de Carlos v, que dizem igualar o retrato, que d'elle conserva o museu de Madrid, devido a Ticiano. O grande imperador com a corôa na cabeça, coberto com um manto de ouro, maravilhoso pela naturalidade das pregas e pelo brilho das tintas, está de joelhos diante de uma meza, em que se vê uma bulla, um bonnet e um livro. A'direita notam-se varios cortezãos, e á esquerda figuram alguns bispos e frades dominicos. Este quadro é de composição celebrada por nacionaes e estrangeiros, entre os quaes se conta mr. de Saint-Hilaire, que faz d'elle um longo elogio.

A estatua de S. Jeronymo, de tamanho pouco maior que natural, e feita de barro cozido, que está dentro d'uma especie de armario de vidro em frente da entrada, é uma esculptura admiravel, da qual nenhuma descripção póde dar idéa, nem mesmo as seguintes linhas do erudito Ceàn Bermudez:

«Está nua, diz elle, excepto o pubis e a parte superior dos musculos, que estão cobertos com um panno excellente, e em uma attitude simples, descançando sobre o joelho esquerdo posto no solo, e sobre o pé direito: tem na mão esquerda uma

cruz, que antes foi tosca, e depois puliram, accrescentando-lhe um crucifixo de pouco merito, e na direita um seixo com que fere o peito.» Amador de los Rios consagra-lhe estas palavras: «O S. Jeronymo é uma figura nervosa e viril: ainda que emmagrecido pela maceração e pelo estudo, os seus musculos não tem a sequidão repugnante da velhice, que faz vulgares as fórmas mais correctas de desenho: a sua presença é tão doce como a sua alma: o corpo está em estreita harmonia com o espirito.»

Este primoroso trabalho saiu em 1520 para o convento da Boa-Vista, perto de Sevilha, das mãos do florentino Torrigiano, condiscipulo e rival de Miguel Angelo, e uma das victimas da absurda e infernal inquisição.

O excentrico e engenhoso pintor particular de Carlos IV, Francisco Goya, ao ver esta estatua, não poude deixar de exclamar, dizem escriptores do tempo, que era a obra moderna de mais merecimento que tinha admirado em esculptura.

Com effeito é surprehendente e grandioso o caracter e belleza das fórmas, a unidade da concepção, e o modo porque o artista mostrou a anatomia do corpo. Nada ha na estatua que não corresponda ao todo. Pena é realmente que não a tenham vazado em bronze para a livrar de qualquer contratempo a que póde dar logar a fragilidade do barro.

II

UMA VISITA AO MUSEU DE PINTURAS DE SEVILHA

III

> Murillo, comme s'il avait voulu laisser á sa patrie le secret de son génie, n'existe réelement et ne se révèlle qu'ici. La salle qu'on lui a exclusivement consacrée est un trésor et vaut á elle seule le voyage.
>
> FELICIEN MALLEFILLE — *Mem. de D. Juan.*

Em 1618 nasceu em Sevilha, como Velasquez, seu predecessor e seu mestre, Bartholomeu Estevão Murillo, que desde tenros annos se entregou aos estudos da arte em que devia alcançar um dia tão perduravel fama. O seu primeiro mestre foi João del Castillo, seu parente affastado. Já contava vinte e quatro annos quando, vendo as obras de Pedro de Moya, que voltava de Londres para Granada, trazendo para a sua patria o fructo das lições de Van-Dick, Murillo se enthusiasmou a tal ponto, que sem pedir conselho nem impetrar protecções, realisou alguns *reales*, e poz-se a caminho para Madrid, onde se apresentou a Velasquez, então no apogeo da gloria e da fortuna. O pintor de Filippe IV acolheu o viajante, deu-lhe trabalho util, conselhos e licções. Dois annos depois Mu-

rillo voltou a Sevilha, onde não tinham dado pela sua falta.

Desde essa epoca, 1645, até á da sua morte, 1682, o pintor não saiu mais da sua terra natal, e foi n'estes trinta e sete annos que produziu as innumeraveis obras que deixou. Sevilha estava como innundada de pinturas de Murillo: a vasta cathedral, as parochias, os numerosos conventos estavam atapetados de quadros d'estylo nobre, attrahente e magistral, onde se achavam reunidos os estylos de Van-Dik, Ribera e Velasquez.

No museu preparou-se uma sala para receber em ricas molduras doiradas vinte e tres quadros do chefe da escola sevilhana. É neste salão que vamos entrar. Sente-se que se vae penetrar n'um sanctuario, e involuntariamente se leva a mão ao chapéo. Quem tem apenas vinte e dois annos, e nunca saiu de Portugal, sente pulsar-lhe o coração como no primeiro encontro d'amor. Transpõe os umbraes da porta, olha, e não sabe qual admirar mais. Aproxima-se, afasta-se, volve e não ha força que o faça sair d'ali sem tomar todos os apontamentos necessarios para lhe ajudarem depois na ausencia as reminiscencias de taes primores d'arte.

Os quadros são: O Nascimento — S. Leandro e S. Boaventura — A piedade — S. Agostinho—Uma Virgem—A Annunciação—Outra Virgem —Outro S. Agostinho — S. Pedro Nolasco e a Virgem da Mercê — S. José — Christo e S. Francisco — Ou-

tro Santo Agostinho — Uma visão de Santo Antonio — Uma Conceição — S. Felix de Cantalicio — Outro S. Felix — Uma Conceição, pequena — A Virgem da toalha — Santo Antonio — A Conceição, ultima — Santa Justa e Rufina — S. Thomaz de Villa Nova dando esmolla aos pobres — Outro S. Felix.

E' necessario vêr estas producções, examinal-as, para admirar com fructo as bellezas da mais elevada poesia desempenhadas pelo dextro pincel do *pintor del cielo!*

Murillo, dotado de uma imaginação rica, brilhante, fecunda e capaz de exaltar-se, preferia os assumptos em que a arte podia passar além dos limites da naturesa, e lançar-se no mundo ideal, por isso quasi todas as suas composições são religiosas.

Santo Thomaz de Villanueva dando esmolla aos pobres, é o quadro a que o auctor costumava chamar a sua *obra maestra*. Tem cinco ou seis figuras admiraveis, dispostas com engenho que lhe dá um effeito maravilhoso de claro-escuro.

A *Virgem de la servilleta* é assim chamada porque foi pintada n'uma toalha. Foi o caso, segundo m'o affirmaram, que tendo Murillo, durante muitos mezes, trabalhado em certo convento, havia um leigo, que lhe serviu constantemente para o coadjuvar nos preparativos de moer tintas e outros, e quando o grande mestre concluiu os quadros de

que fôra encarregado, pediu-lhe o leigo um *recuerdo*, com tal instancia, que o pintor mandou-o procurar uma téla, para lhe fazer um esboço, mas como o leigo não a podesse obter, Murillo pegou da toalha a que limpava as mãos, e concluiu em pouco a festejada imagem, da qual se tem tirado duzias de copias sem nenhuma poder igualar o original.

O ultimo quadro da galeria, junto á janella, defronte do que representa Santa Justa e Rufina amparando a Giralda é uma cópia, disseram-me, da Conceição, do mesmo auctor, que está no Louvre.

Esta explendida imagem bastava para diploma do genio immortal que a traçou. A cabeça tem uma tal magestade, o pescoço liga-se aos hombros por linhas tão puras, as mãos e os pés são tão delicada e elegantemente contornadas, como não é possivel dar idéa por palavras. Os olhos abertos e rasgados tem tal expressão divina, que fitando-os a vista, vae com ella o pensamento, e a alma percorre regiões desconhecidas. A virgem, Mãe de Jesus, assim devia de ter o rosto sereno e casto, o olhar puro e celestial, a expressão devota da figura. Eu olhei e cri.

Todos os outros quadros que apenas mencionei são notaveis pela grandeza da concepção, bom gosto da execução, e surprehendente naturalidade do collorido, que nenhum copista pôde ainda reproduzir. São quadros dignos do auctor e tanto basta para seu elogio.

Saí do museu encantado pelo que admirára, e disse para os companheiros:

— Só duas coisas até hoje me tem deveras impressionado: as representações da Ristori, e os quadros de Murillo!

Uma hora depois dois dos quatro visitantes partiram para Madrid a fim de receberem a cruz de S. Fernando, ganha em Africa, o terceiro voltava a Portugal por Badajoz, e eu partia para Cadix, d'onde em breve devia voltar a Lisboa.

Junho 1860.

III

ÛM DIA EM TURIM

III

Um dia em Turim

Com o italiano aprendido n'alguns livros immortaes, ou nos bastidores de S. Carlos, não é muito facil a um portuguez fazer-se comprehender na capital dos estados sardos, onde se falla uma lingoa que os proprios compatriotas das outras regiões da Italia mal percebem.

As antigas e as recentes invasões, a longa dominação franceza, o contacto frequente e de velha data com a Saboya, formaram, e tem defendido contra todas as tentativas de destruição, este dialecto composto na maior parte de palavras francezas com syntaxe italiana. Por isso todo o piemontez falla a lingoa franceza até com os italianos das outras provincias.

Entretanto, não é só a este respeito que Turim se póde dizer uma cidade de França. Usos e costumes são moldados pelos da *ville des plaisirs*, salvas pequenas modificações.

Não obstante, pois, o meu quasi insignificante peculio do bello idioma do Dante, fiquei mais á minha vontade quando me dirigiram a palavra na lingoa de Victor Hugo, tanto na estrada de ferro, que couduz de Suza, primeira povoação importante do Piemonte, á fallada capital, como na hospedaria, que nos indicaram, á qual corremos, um amigo e companheiro de viagem e eu, logo que nos apeamos do *wagon*, no dia 23 de outubro ultimo, ás cinco horas e meia da tarde.

Quando me achei a 1850 kilometros de Lisboa, longe da patria, da familia e dos amigos, conheci então que o viajar é um dos mais tristes prazeres da vida. Depois de nove dias de viagem, não contando algumas horas de repouso em Pariz, tendo gasto por mar até Saint-Nazaire, cinco dias e meio, sempre com vento rijo pela prôa; depois de atravessar o celebre monte Cinisio, despenhadeiro que se tomaria por um precipicio, se os abysmos que o cercam não fizessem conhecer a differença, tinha mais necessidade de descanço, que vontade de utilisar parte da noite.

Uma vaga saudade enchia-me a alma de suave melancolia, para o que contribuia não pouco o effeito que me produziu atravessar a Saboya,

onde o céo, a terra, as arvores, os rochedos, a agoa, a luz e a sombra, todas as formas, todos os agentes, todos os poderes da natureza porfiam em produzir e renovar incessantemente a poesia, onde tudo é nobre, grande e bello, mas onde as habitações humanas são miseraveis, e miseravel a gente que se encontra.

Era-nos todavia indispensavel procurar immediatamente o representante de Portugal na côrte de Turim, e isso fizemos. O sr. Castro recebeu-nos na sua encantadora vivenda da rua *della Providenza*, com a affabilidade propria d'um cavalheiro distincto pela posição, e intelligencia. Aqui se decidiu que voltariamos a procural-o na manhã seguinte, e partiriamos no comboyo da noite. Não tinha por consequencia tempo de ver a cidade nem de visitar os edificios. Não havia remedio senão roubar alguns momentos ao somno. Cantava-se nessa noite o *Attila* no theatro Carignano. Não pude resistir.

Turim, que não tem mais de cento e sessenta mil habitantes, comprehendendo a população fluctuante, possue dez ou doze theatros, além d'um circo para espectaculos equestres, e d'um jardim de inverno, em que ha cafés, e se dão bailes publicos; mas só na estação do carnaval, propriamente dita, se abre o theatro regio, que é o principal, e está unido ao palacio do rei por uma grande galeria, onde são as secretarias d'estado.

O theatro Carignano, situado na praça do mesmo

nome, está ordinariamente aberto todo o anno; no outono com opera e baile, nas outras estações com uma companhia dramatica italiana. Foi nesta scena que pela primeira vez se representaram as tragedias d'Alfieri.

A sala é de forma oval, não muito espaçosa, de desenho regular, e poderá conter mil e duzentos a mil e tresentos espectadores: é dividida em quatro ordens, com noventa e quatro camarotes e uma tribuna ao fundo. Na plateia, junto á orchestra, do lado esquerdo, ha um espaço fechado onde são os logares reservados, ou plateia superior, como nós dizemos.

O edificio nada tem de notavel, e a sala é muito carregada de ornatos de ouro, e mal illuminada pelo lustre, ainda que é facil aclaral-a, accendendo os candelabros que guarnecem os camarotes.

O primeiro edificador do theatro foi o principe *Luigi di Savoia Carignano*, e por indicações do conde Alfieri ampliou-se em 1752. Em 1787 um pavoroso incendio reduziu a cinzas o sumptuoso templo da arte, e foi então que o architecto Fereggio, o reconstruiu seguindo o plano primitivo.

Em Italia, como em França e em Hespanha, as senhoras frequentam as plateias. Tanto nestas, como nos camarotes, vi algumas formosas italianas, de olhos rasgados e bellos, com expressão de ternura indisivel. Tive então, e no dia seguinte, occasião de confirmar a verdade de uma observação, já feita

anteriormente, e vem a ser que nenhum olhar é mais attrahente, terno e languido, que o das italianas. As hespanholas tem o olhar vivo, e quasi provocador, que fere os sentidos; as francezas um certo ar de amor proprio satisfeito, que denota a vaidade de que são dotadas; só as italianas fadou Deus com o condão de poderem avassallar a alma e o coração com um volver d'olhos. Não fallo das portuguezas. Chamar-me-iam talvez parcial se dissesse que as nossas senhoras possuem, como nenhumas outras, o olhar casto e puro, que promette a verdadeira felicidade.

Assistiam á representação muitos jovens militares, pertencentes quasi todos, á guarda nacional, pois os soldados de linha acompanhavam o rei, que se dirigia a Napoles. A guarda civil usa uniforme elegante e ligeiro, e eleva-se na cidade a mais de doze mil homens.

Nos intervallos, os arrumadores apregoam a *Gazeta de Turim*, e os *librettos*, da opera e do baile, como nos theatros de Pariz, se apregoa o *Figaro* —*programma* e a *Patria*. Cousa para scismar! A maior parte dos espectadores estavam escutando a opera de folheto em punho, voltando a folha justamente quando os cantores davam as melhores notas que, valha a verdade, não eram lá muitas.

Pois os filhos dos Alpes não conhecem Attila?! Seriam estrangeiros quasi todos os auditores de Verdi naquella noite?

No dia seguinte levantei-me cedo com o proposito de dar um passeio antes d'almoço. Desejava poder entrever o conde de Cavour, pois todas as manhãs, ás nove horas, atravessa só e a pé, de casa para a secretaria, fumando uma cigarrilha. Malogrou-se-me todavia a tentativa de ver um homem, que a Europa admira e respeita.

O aspecto de Turim, a capital mais regular que tenho visto, dá idéa de uma cidade de recente data. A falta de monumentos antigos e da idade media, a architectura moderna das construcções parecem querer desmentir a senilidade da *Augusta Taurinorum*.

As ruas em geral são largas, longas, direitas e regularissimas, com arcadas de ambos os lados, o que resguarda os peões tanto dos rigores do inverno, como dos do estio, visto que o clima não é dos mais *temperados*. No inverno a cidade é dominada pelo vento S-O, o qual atravessando cordilheiras de montes cobertos de neve, torna esta estação demorada e aspera; na primavera o tempo é muito inconstante, attenta a variedade de ventos, o que perfeitamente se explica pela visinhança dos Alpes, que fazem do Piemonte como um grande valle; no verão o thermometro chega a subir a 27° de Reaumur. O outono é por consequencia a estação de ordinario mais amena.

Caminhando pelas longas galerias que orlam a cidade, lembrou-me frequentemente que o marquez

de Pombal, se revivesse e viajasse pela Italia, teria a cada momento de fazer uma daquellas feias caretas commemoradas por Almeida Garrett, ao ver tantos frades de todos os feitios, de chapéo e sem chapéo, de sapatos e descalços, como eu então vi.

A cada passo se topa um desses entes que se dizem mortos para a sociedade, e entregues unicamente ás praticas religiosas, mas que os governos e os povos consideram como eternos inimigos da liberdade e da pura doutrina do Crucificado. E já estão abolidas as ordens religiosas, tolerando-se apenas as existentes, e não se permittindo novas profissões. O que não seria antes!

Descendo pela *contrada di Pó* para a praça de Victor Manuel, encontramos alguns *bersaglieri*, que á similhança dos *zouaves* francezes, são a tropa italiana mais destemida, o que sem milagre se adivinha pelo aspecto garboso e guerreiro dos soldados. O uniforme parece um pouco o dos nossos marinheiros da armada. Usam calça larga azul ferrete, jaleca da mesma côr e chapéo de abas largas, em que trazem plumas de pennas de corvo. Os officiaes trajam sobrecasaca e tem plumas verdes no chapéo.

A praça de Victor Manuel é magnifica. Disseram-me que tem 360 metros de comprido e 111 de largura. Os predios são de igual desenho em tres lados da praça, com arcadas altas como a nossa Praça do Commercio. Em frente corre o Pó, arte-

ria vivificante da Italia septentrional, que nasce a pequena distancia na *commune di Crissolo*, banha as principaes terras do Piemonte, passa não longe de Pavia, e vae acabar no Adriatico. Além do rio ve-se o gracioso templo da *Gran-Madre di Dio*, no estylo da Memoria de Belem, destacando sobre um fundo admiravel de verdes collinas.

Nesta praça assisti a um espectaculo novo, que me fez ver quanto o sol d'Italia accende n'alma o enthusiasmo por todos os prazeres do espirito.

Um mancebo de cabellos soltos, vestido com desalinho, segurando um impresso, estava no centro de um grande grupo, que applaudia em delirio, como se applaudem as corridas de touros em Hespanha, os combates de gallos em Inglaterra, e as corridas de cavallos em França.—Perguntei o que significava aquelle ajuntamento, responderam-me que era um poeta recitando uma canção patriotica. Era um Bindocci de praça. Acerquei-me e ouvi recitar, senão com muita correcção, ao menos com bastante sentimento, uma ode a Cavour e Garibaldi, á idéa que fortificou a liberdade, e ao braço que secundou a idéa. Uma orchestra composta de uma viola franceza, um *accordeon* e uma trompa preenchia os intervallos, e attraia os que passavam ao longe.

Mais adiante, no adro da igreja de S. Francisco de Paula, um mendigo tinha feito a carvão o retrato do lavrador de Caprera, na lagea do pavi-

mento. Por baixo escrevera estas palavras: *Signori il loro buon cuore*, e as moedas de cobre e de prata choviam sobre o retrato, que denunciava no auctor não pequeno conhecimento das regras de desenho.

Turim não tem monumentos notaveis pela architectura; todavia as casas de recente construcção são de bella apparencia, e de bom gosto. Merecem attenção o palacio real, mandado construir por Carlos Manuel II em 1660, e ampliado depois por Victor Amadeo II; o palacio de sua alteza real a duqueza de Genova; o palacio chamado de Madame, que tem uma escadaria magnifica; o palacio Carignano, onde teem as suas sessões os representantes da nação; o palacio da cidade, um dos mais notaveis edificios de Turim; o palacio Alfieri di Sastegno, onde ha uma copiosa bibliotheca; e o palacio do Tasso, que pertenceu aos principes d'Este, e hoje é propriedade da familia Mattirolo. Foi este em 1578 a habitação do grande poeta e ahi escreveu o seu dialogo sobre a nobreza, intitulado o *Forno*.

Não me coube no tempo visitar nenhuma das dezesete parochias, das quaes quatorze são dentro da cidade, duas suburbanas nas margens do Pó e do Dora, e uma na cidadella: todavia vi alguns templos exteriormente, e sobre todos a Igreja de S. Maximo pareceu-me uma construcção magestosa, e a da SS. Trindade uma das mais bellas.

No centro da grande praça de S. Carlos eleva-se

a estatua equestre de Manuel Felisberto. A praça é um quadrilongo, onde dão fim seis ruas. No meio, sobre um pedestal de granito de Baveno, adornado de baixos relevos e ornatos de bronze, eleva-se a estatua, que é do mesmo metal. Representa o grande general no acto de entrar na cidade, refreando o fogoso ginete com a mão esquerda, e com a direita mettendo na bainha a espada vencedora. Este trabalho, original piemontez, tem fama europea, e Mazoccheti, seu auctor, soube achar uma feliz novidade n'um argumento muitas vezes tractado e reproduzido.

Além deste o monumento do conde Verde, que perpetua as gloriosas façanhas deste capitão no Oriente, e outros, ornam as praças, embellesam a cidade, e ou commemoram grandes feitos ou avivam a lembrança de alguns heroes.

Findo o breve passeio pelas ruas da cidade, e alamedas que exteriormente a cercam, voltei ao *albergo*, e passadas algumas horas, sem ter podido ver o arsenal, nem os museus que tanto me recommendaram, dirigia-me novamente para o monte Cenisio, donde todas as producções da terra, que se avistam, só offerecem um aspecto monotono, desde o fundo dos precipicios até ao cume dos montes, porque uma igual côr desbotada faz desapparecer toda a *variedade da vegetação*.

Janeiro 1862.

IV

GENEBRA

IV

Genebra

Cheguei a Genebra no dia 25 d'outubro de 1860, demorei-me dois dias na bella patria de Rousseau, e tanto me foi sufficiente para ficar enthusiasmado pelo espectaculo sublime que a natureza apresenta nestas altas montanhas cobertas de neve e de pastagens, onde os poetas e os pintores se vão inspirar, onde os homens d'estado vão retemperar a alma, os homens melancolicos e perseguidos pela sorte buscar consolações, os naturalistas estudar a historia das revoluções do globo, e os homens liberaes recrear o espirito neste regimen popular, e nesta vida pastoril que recorda o mundo primitivo.

Não sei quem foi que disse que se poderia ac-

crescentar aos Alpes mais uma montanha reunindo todos os livros que fallam delles.

A propria Suissa produz constantemente obras que a fazem conhecida, e comtudo não é facil vizital-a, gozar da vista do seu lago azulado, e das suas paisagens pittorescas, ou respirar, no seu solo hospitaleiro, o ar puro e vivificante da liberdade, sem gravar na memoria e no coração as bellezas d'uma natureza luxuriante, e d'instituições admiraveis, e, mais cedo ou mais tarde, dos apontamentos e reminiscencias formar uma saudação áquellas montanhas que escondem nas nuvens os cumes elevados áquellas immensas pastagens, milhares de pés acima das povoações tocando nos limites da natureza morta, áquellas planicies de gelo e de neve suspensas sobre precipicios horriveis.

A situação de Genebra está por assim dizer marcada na desembocadura do Rhodano. Por isso existe desde a mais remota antiguidade sem nunca ter mudado de nome, nem de posição.

Vista do lago, Genebra apresenta-se sob o seu melhor aspecto. Dois bellos caes, novos e ornados de edificações no gosto moderno produzem agradavel effeito.

O interior da cidade, a não ser pelo lado da originalidade, não corresponde ao exterior. Os caes, as ruas e as casas modernas não tem caracter proprio, e parecem-se com as ruas, caes e casas das outras cidades da Europa, mas ainda, fóra dos bair-

ros novos, que occupam o logar das antigas e inuteis fortificações, encontram-se alguns predios primitivos de triste apparencia. Genebra é hoje uma cidade aberta, pois felizmente para a salubridade e embellezamento a demolição das fortificações, decretada em 1846, e começada em 1849, está hoje concluida.

A fundação d'uma cidade estava, como disse, marcada naquelle sitio; por isso é ainda a *Genova* de que falla Cesar no livro 1.º dos Commentarios:

> «Extremum oppidum Allobrogum est proximum que Helvetiorum finibus Geneva.»

É a mesma cidade, assentada nos dois lados da desembocadura do lago, d'aquelle bello lago, dominado pelos Alpes, arredondado em meia lua, recebendo por um lado as agoas turvas do Rhodano, para as lançar limpidas pelo outro, de que a ponte occupa ainda provavelmente o mesmo logar onde o imperador romano fez destruir outra, para impedir os helvecios de passarem alem. Segundo uma tradição immemorial a velha pedra Niton, que se levanta perto da cidade acima das agoas, era um altar de Neptuno, que recebia as offertas e homenagens dos pagãos.

«Genebra é, depois de Napoles, diz o sr. Alexandre Dumas, uma das cidades do mundo mais felizmente situadas. Preguiçosamente recostada como está, encostando a cabeça na base do monte Saléve, estendendo até ao lago os pés que as vagas

vem beijar, parece não ter outra cousa para fazer alem de olhar com amor as mil cazas semeadas pelas faldas das montanhas cobertas de neve que se desenrolam á sua direita, ou coroam o alto das verdes collinas que se prolongam á sua esquerda. A um signal da sua mão vê accorrer do fundo vaporoso do lago suas ligeiras barcas de velas triangulares, que deslisam sobre a agoa, brancas e rapidas como um bando de gaivotas, e seus pesados vapores, que afastam magestosamente a espuma com a prôa.—Sob este bello céo, ante estas lindas agoas, parece que os braços são inuteis, e que lhe basta respirar para viver. E comtudo, esta odalisca indolente, esta sultana preguiçosa na apparencia, é a rainha da industria, é a activa, a commercial Genebra que conta 85 millionarios entre os seus 20 mil habitantes. »

Para completar esta poetica descripção deve acrescentar-se que Genebra tem hoje 31 mil habitantes; occupa duas collinas d'extensão e de grandeza desegual, separadas pelo Rhodano, no proprio logar em que este rio sáe de Léman. Cinco pontes fazem communicar o bairro da margem direita, chamado *Saint-Gervais*, com o da margem esquerda, ou cidade propriamente dita.

A força e a belleza residem aqui. As montanhas enlaçam-se, a Saléve é raiada de diversas camadas de rocha, que produzem um effeito singular n'uma atmosphera nublada, com coroas sombrias, que parecem tanto mais negras quanto mais claras são, e

que se destacam sobre um fundo de montanhas cobertas de neve.

O monte Branco, visto de Genebra, offerece uma particularidade notavel. Representa em certas posições, o profil d'uma cabeça gigantesca deitada, com as faces voltadas para o céo.

A historia d'este cantão é muito interessante. Durante cinco seculos esteve sob a dominação romana depois foi invadido pelos barbaros do norte em 426. Foi então duas vezes destruido, e descobrem-se ainda em certos sitios, os restos de duas calçadas enterradas no solo actual, uma sobre a outra.

Os burguinhões fizeram da cidade uma das capitaes do seu ephemero imperio. Depois de ter pertencido aos ostrogodos, que só a possuiram 15 annos, aos francos, de quem foi a capital até 858, a Luthero, a Carlos, o calvo, a Carlos, o gordo, Genebra voltou a ser a capital do segundo reino de Borgonha até 1034, epoca em que Conrado, o Salico, tendo-a reunido ao imperio, se fez n'ella coroar imperador pelo arcebispo de Milão.

Genebra foi christã desde o quinto seculo. Por muito tempo os bispos, escolhidos umas vezes pelos bispos de Vienna, outras pelo papa, não possuiram poder algum temporal, mas, no decimo oitavo seculo, tinham-se de feito tornado os soberanos do paiz. Os ultimos reis de Borgonha, e os imperadores que lhes succederam, deram-lhes regalias, senhorios e castellos na cidade, e o unico

signal de dependencia em que estavam do imperio, ficou sendo o de irem os principes ao encontro de seu chefe quando passava por alli, e a cantarem ladainhas durante tres dias pela prosperidade do imperador e do imperio. Ainda hoje as armas de Genebra se compoem d'uma chave e d'uma aguia, com esta divisa—*Post tenebras lux.*

A datar d'esta epoca os bispos a titulo de direito divino, os condes, na qualidade de officiaes do imperador, os condes ou duques de Saboia, na de mais fortes, pertenderam successivamente a soberania de Genebra, e as suas luctas enchem a historia da cidade até á reforma.

Em 1535 Genebra introduziu sem obstaculo o culto protestante, declarou o bispo destituido de todos os seus direitos e regalias, proclamou a independencia, e formou desde esse momento um estado livre.

Luthero foi o poeta da refórma, e Calvino o philosopho. Luthero pôz a massa em fusão, e Calvino cristalisou-a, para me servir de uma imagem de Beecher Stowe. O que põe em fusão faz mais bulha no seu tempo, mas o que cristalisa tem poder mais duradoiro, e mais profundo.

Os edificios mais notaveis são o *Hotel de Ville* defronte do qual o *Emilio* de João Jacques foi queimado pelo carrasco, em 1762. Este monumento construido em diversas epocas, e restaurado em 1848, nada offerece á curiosidade dos estrangei-

ros além da escada principal, construida em 1570, e composta de um certo numero de planos inclinados, sem degraus, para permittir aos membros do conselho, ordinariamente de edade avançada, subirem a cavallo ou em liteira ao andar mais elevado.

O Observatorio é notavel, assim como o Arsenal que contém uma bella collecção de armas antigas e modernas, as escadas com que os saboianos pertenderam escallar os muros da cidade em 1602, e a armadura do duque de Rohan.

O Museu academico, onde os estrangeiros são admittidos todos os dias, possue collecções geologicas de Saussure, plantas fosseis, e as collecções de Necker. São notaveis os cães de S. Bernardo, e as differentes especies de peixes de todos os rios e lagos suissos, entre outros uma truta que peza 22 kilog.s: no gabinete de antiguidades, uma mumia de Thebas, medalhas e um escudo redondo de prata, descoberto em 1721 no leito do Arve, e com esta inscripção: — *Largitas D. N. Valentiniani Augusti*, — alguns instrumentos de sacrificios pagãos achados perto dos rochedos de Neptuno no lago; e o busto de Vespasiano em marmore, achado no valle de Maurienne. A sociedade de leitura, estabelecida no edificio do Museu, possue uma bibliotheca de 3500 volumes, e recebe 120 jornaes politicos, scientificos e litterarios.

A Cathedral ou Igreja de S. Pedro, occupa, dizem,

o logar de um antigo templo dedicado a Apollo.

No interior ha coisas muito para se verem, mas não me coube no tempo demorar-me o necessario para tomar nota do que me prendeu mais a attenção. Só me lembro de ter admirado a porta da sachristia, e os vidros do côro.

As representações theatraes foram por muito tempo interdictas em Genebra por uma lei severa de Calvino, mas agora são toleradas, e, máu grado as celebres protestações de Rousseau, construiu-se um theatro, perto da Porta Nova, em face do qual está o Museu das bellas artes, que possue uma collecção curiosissima de baixos-relevos antigos de merecimento.

Á medida que a cidade se desenvolve e se embeleza, deve enriquecer-se com instituições e estabelecimentos uteis á propria população, e á população fluctuante que vae visital-a, todos os annos, de todos os pontos da Europa.

Á medida que se estender a rede dos caminhos de ferro, e que as communicações forem mais faceis e mais rapidas, Genebra, pela sua situação geographica e configuração topographica dos seus arredores, verá crescer, em proporções importantes, o numero já consideravel de *touristes* que vão, em cada estação, contemplar avidamente este espectaculo variado e imponente de uma natureza prodiga e grandiosa, que reune sob um mesmo clima, n'um quadro restricto, e por isso mesmo

muito accidentado, os agrados, as doçuras e a pureza do céo de Italia, oppostos aos rigores eternos dos pólos glaciaes; a miniatura do Oceano, com suas margens incultas, ao pé de virentes collinas e de ferteis planicies, encerradas pelas montanhas circumvisinhas, que são como gigantescas decorações deste magnifico panorama.

Quanto mais os ricos estrangeiros que viajam por prazer ou para remedio, acharem motivos para ahi se demorarem, tanto mais a cidade, que lhes deve uma grande parte do seu commercio, verá multiplicarem-se os recursos da sua industria e da sua prosperidade, e menos facil será repetir o dito de Voltaire: «Quand je secoue ma perruque, je poudre toute la république.»

Ha dez annos a esta parte a população fixa, tem augmentado em larga proporção e a fluctuante, que vae passar o verão á Suissa, tem-se triplicado. Era necessario, sob pena de vêr as rendas das cazas chegarem a preços exorbitantes, multiplicar os predios, e abrir hospedarias em relação com a affluencia, os habitos e a fortuna dos visitantes. Graças aos aterros, novos bairros se levantaram, elegantes e commodos, que a industria particular se encarregou de appropriar ás necessidades nascentes. A estação do caminho de ferro foi construida justamente perto dos *Bergues*, que é o bairro de predilecção dos estrangeiros.

Trata-se ha alguns annos da edificação de um

theatro mais espaçoso e apropriado aos progressos da arte dramatica do que o theatro actual, e que permitta representações de grande espectaculo. Falla-se tambem na proxima fundação de um theatro de Variedades no genero hollandez, e na formação de uma sociedade de regatas como a nossa real associação naval, e as sociedades de Lião, e do Havre. Esta instituição faria nascer explendidas festas nauticas, que dariam vida e movimento ás margens do Léman.

Finalmente trata-se agora mesmo de fundar, proximo das portas da cidade e sob a protecção de notaveis medicos, uma caza de saude, á qual será annexado um estabelecimento hydrotherapeutico completo, para a applicação scientifica e racional de um systema poderoso, que os estrangeiros procuram em Divonne, e outras partes.

Estas innovações conseguirão, como é facil de suppôr, fazer demorar os estrangeiros, proporcionando-lhes commodidades e distracções além do espectaculo magestoso e variado da natureza que é, e será sempre o maior de todos os attrativos de Genebra.

Dezembro 1860.

V

PARIZ

V

Pariz

CARTA A JULIO CEZAR MACHADO

MEU JULIO.— Deixo hoje a moderna Athenas, a que o poeta satyrico Scarron, primeiro marido de Madame de Maintenon, chama a cidade de lama e fumo. Deixo Pariz d'aqui a algumas horas, e só agora tenho occasião de cumprir a promessa que te fiz. Não esperes porem, descripção d'esta Babylonia, nem tão pouco *Impressões de Viagem*.

Metti na mala um excellente *Guia de viajante*, um guia *illustrado*, de que te farei presente logo que ahi chegue. Que te poderia eu dizer da capital da civilisação, que não tenha já sido escripto por muito boas pennas?

Impressões de viagem! Depois de Alexandre Dumas até os cidadãos de Tuy escrevem aos D.

Basilios da terra as suas impressões em frente do chafariz do Rei. Nada! De monumentos, museos, theatros e passeios acharás larga copia de noticias no livro que te destino, e as impressões ficam para o *cavaco*.

Estou em dizer de Pariz as mesmas palavras que escreveu Mr. Thiers n'um album, em 1821, segundo um livro, que comprei esta manhã.

« Bientôt courant dans les rues, l'impatient étranger ne sait où passer, il demande sa route, et, tandis qu'on lui répond, une voiture fund sur lui; il fuit, mais une autre le menace; enfermé entre deux roues, il se glisse et se sauve par miracle.

« Il voit pêle mêle des tableaux, des statues, des palais immenses mais non achevés.»

De 1852 a 1860 o imperador tem reconstruido Pariz, e, concluidas as obras em começo e em projecto, a cidade ficará transformada completamente. Vem cá, vem cá, se queres admirar.

Agora vou dar-te noticias minhas, dizendo-te como passei hontem o dia, e como me recebeu o nosso Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, homem de quem, como sabes, sempre admirei o fecundo talento, e que hoje estimo como pessoa que me encheu de finezas, e venero como exemplar chefe de familia.

Se ha coisa em que eu me julgue superior á maior parte dos nossos homens de lettras, e principalmente aos que aspiram a sêl-o, sem queimar

as pestanas, é na facilidade com que applaudo e aprego-o o talento, quando o admiro. A admiração é uma das necessidades da minha natureza, e de bom grado me faço thuriferario do genio. N'alguma coisa me havia de parecer com Ovidio e Horacio. Os que em cada vocação sonham ver um rival, e para escurecerem os proprios defeitos, assoalham sem ceremonia os inventos da calumnia, esses lamento-os.

Antes de hontem á noite passeava eu pelos *boulevards*, parando em frente dos mostradores das lojas como os nossos salcios fazem lá na cidade, no dia da procissão do Corpo de Deos, quando ouvi o meu nome pronunciado em portuguez. Voltei-me surpreso. Era Teixeira de Vasconcellos que me agradeceu ter ido deixar-lhe um bilhete, e me convidou para jantar em sua casa no dia seguinte.

Penhorou-me a maneira affectuosa do convite, e prometti não faltar. Conheci eu Antonio Augusto, quando elle esteve ultimamente em Lisboa, n'aquelles deliciosos jantares que nos offerecia Antonio Brederode na sua bella casa das Janellas Verdes, em que tu, o pobre Lopes de Mendonça, Andrade Ferreira, Ernesto Biester e eu, passamos alegremente muitas horas, das que deixam eternamente agradavel lembrança.

Não tinha portanto com o auctor do *Portugal et la maison de Bragança* — maior conhecimento do que as relações, que se podem travar pela lei-

tura dos seus escriptos, e pela palestra entre o café e a sobremeza, sobre o ultimo romance de Camillo Castello Branco, o ultimo discurso de José Estevão, a ultima opera de S. Carlos. Como pódes imaginar, gostei de ter occasião de estreitar relações com um homem notavel, e escriptor tão louvado em toda a Europa.

Hontem levantei-me ás nove horas, como tomei por costume para ter tempo de ver o que se deve ver, que é tudo, e dirigi-me ao cemiterio do *Pére Lachaise*, de carteira em uma das mãos, e um lapis na outra.

Verás os meus apontamentos, ouvirás as minhas reminiscencias, e lerás o que ha impresso sobre este ultimo asylo dos parisienses, mas não quero deixar de dizer-te já que n'esta ultima visita, o que mais me commoveu foi a vista do tumulo do teu poeta querido, Alfredo de Musset, morto ha 6 annos, de quem já escreveste a biographia na nossa *Revista de Lisboa*.

O monumento encontra-se no lado esquerdo da grande rua que leva á capella, e corresponde á idéa que formâmos do caracter do poeta, cujas qualidades eminentes são, como sabes, o gosto, a modestia e a elegancia.

O mausoleu consta de tres paineis de marmore, coroados por uma especie de cimalha, sustentada por dois modilhões, para proteger o busto, em marmore, do poeta, tal qual era pouco tempo an-

tes de morrer. No frontão, um baixo relevo representa a cabeça de Minerva, symbolo do Instituto.

Debaixo da pianha que sustenta o busto de Musset, estão esculpidos os attributos do poeta, a lyra e a penna, com uma palma e ùm ramo de loureiro.

N'um cartel collocado sob estes attributos estão gravados aquelles versos extrahidos da *Lucie*, elegia que tu sabes de cór:

> Mes chers amis, quand je mourrai
> Plantez un saule au cimitiére :
> J'aime son feuillage effloré,
> La paleur m'en est douce et chére,
> Et son ombre será legère
> A la terre ou je dormirai.

Com effeito por cima do logar em que repouzam as suas cinzas, está um salgueiro afagando com os ramos estes versos melancholicos.

Emfim sobre os dois cippos paralellos gravaram d'um lado quatro titulos de obras em verso — Namouna, Rolla, Mardoche. As Noites; do outro, tres titulos d'obras em prosa :— O Capricho, Lorenzaccio, Frederico e Bernerette.

Tinham-me dito que este tumulo fôra erecto por subscripção publica, até os jornaes fallaram n'isso, mas hoje afiançou-me um companheiro d'Hotel, que o terreno foi dado pelo Imperador, que o busto, obra notavel de Augusto Barre, foi offerecido pelo auctor, e que o tumulo, cujo risco foi offerecido por Anatole Jal, architecto, foi execu-

tado sob suas vistas e por conta da familia de Musset, e do editor das suas obras.

Voltei a casa para almoçar, e depois fui pela terceira vez ao muzeu do Louvre, aonde tenho gasto horas esquecidas, e ainda me falta que ver e admirar.

Ás seis horas cheguei a casa de Antonio Augusto, na rua de Moscow.

Não pódes imaginar a agradavel impressão que me causou ao entrar no gabinete de trabalho do distincto escriptor, vêr sobre a secretária os bustos de Camões, Almeida Garrett e Castilho, pelas paredes os retratos do Marechal, e outros portuguezes notaveis, nas estantes livros portuguezes, e logo em seguida a noticia de que ia comer sopa, vacca e arroz. Achei-me de um salto em Lisboa, e a agradavel surpresa, a saudade da patria, avivada por estas recordações, e a afabilidade da elegante e sympathica esposa do nosso amigo, que é d'uma distincção de maneiras encantadora, commoveu-me profundamente. Sempre é agradavel ser bem recebido. Longe da patria e por um compatriota é tal prazer que chega a compensar os contras de uma viagem como esta minha.

Passei algumas horas deliciosas. Madame de Vasconcellos, é uma senhora allemã, espirituosa como uma parisiense, sem affectação, distincta em toda a extenção da palavra; Mademoiselle de Vasconcellos, uma encantadora creança de cinco annos, de notavel agudeza, fallando com descernimento

e muitissima graça o alemão e o francez. Antonio Augusto jovial, sincero na intimidade, adora a esposa, e estremece a filhinha.

Sahi com elle depois de um excellente jantar á portugueza, de uma animada conversação, e do presente de um livro com que me brindou, e dirigi-me ao café Tortoni, no *boulevard des Italiens*.

Aqui tomámos chá na meza em que fazia o mesmo um velho com cara de bom homem. Eu ia a accender um charuto, mas Teixeira de Vasconcellos prevenio-me de que se não podia fumar alli antes da meia noite! e tirando da carteira um bilhete de visita escrevêo n'elle, algumas palavras, e dêo-m'o a lêr — *Tem ao pé de si o celebre Auber*, dizia-me, e eu, reparando então, notei o velho, que me pareceo de ar agil e desembaraçado, olhar vivido, physionomia alegre e sympathica, expressão de quem está contente comsigo, e com os outros. Era Auber.

Aqui tens como se passa um dia em Pariz. Dentro em pouco te darei ahi um abraço. Já não posso com saudades d'essa terra, de que tanto mal nós dizemos injustamente. Quantas vezes me não tem lembrado aquelle soneto de Camões:

« Brandas aguas do Tejo que passando
« Por estes verdes campos, que regaes
« Plantas, ervas, flores, e animaes,
« Pastores, nimphas, ides alegrando:
« Não sei (oh doces aguas!) não sei quando
« Vos tornarei a ver....»

Adeus, meu Julio. Recados a todos. — Pariz 14 de novembro de 1860. Teu do coração amigo verdadeiro e obrigado.

VI

O DANTE E A DIVINA COMEDIA

VI

O Dante e a divina comedia [1]

I

Os supremos pontifices, os imperadores d'Alemanha, os tyrannos d'algumas provincias e as pequenas republicas d'Italia, disputando a herança conquistada, e reconquistada pelos romanos, e pelos barbaros, alistaram-se depois da morte do imperador Frederico, em dois grandes partidos, *Guelfos* e *Gibelinos*; estes a favor da dominação dos imperadores, aquelles preferindo a dos papas.

Florença, capital da antiga Etruria, hoje Toscana, era o centro mais animado da lucta dos partidos.

Dante, ou Durante, porque o primeiro nome não é outra cousa senão o diminuitivo do segundo, nasceo n'esta cidade da familia patricia dos Alighieri,

[1] Licção apresentada no curso superior de lettras ao lente da cadeira de litteratura moderna, o sr. Mendes Leal, ministro da marinha.

em 1265, nove annos depois da morte de S. Thomaz d'Aquino.

Alguns biographos pertendem que o futuro cantor do catholicismo perdeu seu pai na idade de tres annos, o que sabemos é, que ou por seu pai, ou por sua mãi — *Donna Bella* — foi entregue aos cuidados do erudito Brunetto Latini, secretario da republica e homem de saber.

Mais tarde Dante estudou nas escolas de Bolonha e de Padua, depois de ter sido por algum tempo recebido no noviciado dos padres de Santa Cruz. Seguiu como mestres em philosophia Aristoteles e Platão, e em theologia, S. Thomaz de Aquino.

A vida do poeta foi uma continua perigrinação. As paixões mais oppostas agitaram-lhe a alma sem repouso. «E' a sorte dos espiritos da minha ordem, põe lord Byron na bocca do Dante, serem torturados durante a vida, usarem o coração, consumirem os dias em luctas sem fim, e morrerem sós.»

A *Vita Nuova*, commentario das suas obras e dos seus pensamentos, conta-nos o seu amor precoce pela filha de Folco Portinari, Beatriz, morta na flôr da belleza e da mocidade, Beatriz, o typo mais bello e encantador da poesia, que, por uma transformação platonica, o poeta tornou o symbolo da theologia. Em 1291, um anno depois do fallecimento da sua amante, casou com Gemma Donati, o que confirma as accusações de Boccace, Filippe Villani e Leotard Arétin, que escreveram a vida

do poeta, e lhe notaram, o que Lamartine chama o fraco dos heroes e dos poetas. Mas se não foi exemplar no amor dos sentidos, foi fiel ao amor da alma.

Caracter inquieto e não encontrando prisão na paz domestica entrou na politica.

Debatiam-se, como disse, as facções *Branca e Negra*. Dante poderia ter sido um Gracco ou um Cicero em Roma, não foi senão um Gibelino mais em Florença.

Depois de ter exercido alguns cargos importantes, e elevado em 1300 a membro do conselho supremo de Florença, foi de parecer que se deviam exilar os chefes das duas facções. Os *Negros* ou *Guelfos*, ligados ao partido do papa foram mandados para o *Castello della Pieve*; os *Brancos* ou *Gibelinos*, que eram pelo imperador foram para Serazzana.

Mostrando-se soldado, antes de politico e poeta, mais parecido com o nosso Camões, do que com Horacio e Virgilio, entrou na sanguinolenta batalha de Campoldino, em 1289, contra os Gibelinos de Arezzo, e em 1290 na de Caprona.

Não favoreceria o poeta, segundo affirma nas suas cartas, a volta dos *Gibelinos?* O certo é que se oppoz á entrada em Florença de Carlos de Valois, enviado pelo papa sob pretexto de restabelecer a paz interna, mas com o visivel fim de auxiliar os partidarios de Bonifacio VIII. Por astucia entrou

pouco depois na cidade o pai de Filippe IV, e os *Guelfos*, auxiliados por elle, passaram á espada os seus inimigos, e metteram em processo os supremos magistrados da republica.

Dante estava em embaixada junto do papa negociando a paz, e foi condemnado ausente (27 de janeiro de 1302) a pagar oito mil libras, e, se dentro de um pequeno praso as não houvesse pago, a confiscarem-se-lhe os bens—*bona devastentur in commune*, e ainda que pagasse a ser exilado por dois annos—*nihilominus in exilio extra fines Tusciae duobus annis.*

O poeta foi convidado a vir justificar-se. Recusou-se. Um tribunal revolucionario confiscou-lhe os bens, e condemnou-o a ser queimado vivo, se reapparecesse no sólo da patria.

Em 1304, reune os seus concidadãos emigrados pela mesma causa, procura com mão armada recuperar Florença, e não o conseguindo, retira-se para Verona, donde dirige ao povo a famosa carta: *Popule mi quid feci tibi?*

E começou a vida errante que parece ser o destino de todos os epicos, depois de ter perdido com a morte de Henrique VII, a esperança que punha no imperador.

Percorreu a Italia, a França, a Inglaterra, e sustentou, affirmam, em Pariz e Oxford, theses de theologia.

Morreu em Ravenna com 56 annos, a 14 de se-

tembro de 1321, em casa de Guido de Polenta, senhor d'esta cidade, que o recebera com amizade, como já tinha feito o marquez Malaspina, o conde Boson e os dois irmãos de la Scala.

As honras funebres foram dignas do grande proscripto. Elle mesmo tinha composto este epitaphio:

Jura monarchiae, superos, Phlegetonta,
Lustrando cecini, voluerunt lacusque, quousque:
Sed qui a cessit melioribus hospita castus,
Auctoremque ducem petiit, felicior astris,
Hic claudor Dante patriis extorris aboris,
Quem gemit parvi Florentia mater amoris.

II

Agora que já conhecemos o homem, mais facilmente comprehenderemos a obra.

Dos tres antigos poetas italianos Dante, Petrarcha e Boccace, diz o sr. Schlegel, o Dante é o mais importante, mais rico e mais inventivo. O seu poema que comprehende todas as sciencias, todos os conhecimentos da época em que escreveu, tudo o que o cercava, o céo e o inferno como os concebia; o seu poema, que tem o sello do genio poderoso, que vê ao mesmo tempo o todo, e as diversas partes, dispondo as grandes massas, e observando a symetria sem difficuldade, é unico, e não pertence propriamente a genero algum.

Dante, com exagerada modestia, chama á sua composição uma *comedia*, para se collocar infe-

rior a Virgilio, para quem julgava reservado o genero *tragico*, o que bem denota a ignorancia absoluta da arte dramatica naquelles tempos. A epopéa grega tambem lhe não póde servir de comparação. Mas, diz mr. Brizeau no prefacio da sua traducção litteral, se n'um mesmo seculo todas as tendencias da arte são de ordinario parallelas, as linhas gothicas, cercadas de ornatos, do Campanario de Giotto, pelo architecto Arnolfo de Orgogna, fariam adevinhar a poesia dantesca.

Na idade media houve poemas allegoricos, principalmente em provençal, lingua que já tinha chegado ao mais alto grão de perfeição, mas uns perderam-se, outros são quasi desconhecidos, e o Dante, fazendo esquecer todos os poetas que trataram o mesmo genero, apresenta-se só ante nós.

Nos fins do seculo XIII o italiano culto, a *lingua cortegiana*, era popular na Toscana, e Ricordano Malaspina, que escreveu a historia de Florença em 1280, póde ser considerado ainda hoje como modêlo de pureza de linguagem e de elegancia. Todavia, nenhum poeta tinha ainda commovido fortemente as almas, nenhum philosopho, segundo a phrase do sr. Sismondi, tinha penetrado nos abysmos do pensamento e dos sentimentos, quando o pai da poesia italiana appareceu, e mostrou como um genio podia dispor materiaes grosseiros, e construir um edificio imponente como o universo, de que é a imagem.

A poesia da edade media póde dividir-se em tres generos: os poemas de cavallaria, os cantos dos trovadores, e a allegoria, nos poemas cujos fim e objecto, cujos plano e até a forma exterior tem um caracter allegorico, como no Dante. Este caracter allegorico domina em toda a poesia da meia edade, mesmo nas ficções de cavallaria. A differença consiste, como nota o sr. Schlegel, em que nas ficções allegoricas de cavallaria o sentido occulto é contido na discripção da vida, em quanto que no Dante, pelo contrario, os quadros da vida estão intercallados e distribuidos no edificio da sua allegoria, o assumpto da qual era no seu seculo o mais popular de todos.

S. Francisco e S. Domingos, incendidos em puro amor de Deus, tinham creado uma milicia religiosa, activa e fanatica: os seus sermões tinham reanimado o zêlo dos fieis. Ao mesmo tempo começava a renascença das lettras a fazer-se sentir nos estudos ecclesiasticos; o céo, o purgatorio e o inferno estavam sem cessar presentès á imaginação de todos os christãos; viam-os com os olhos da fé, mas sob formas materiaes, pois não só os doutores se esforçavam por tornar as imagens presentes ao espirito por descripções minuciosas e circumstanciadas, mas até se representavam ao vivo scenas, como a que nos conta J. Villani.

Em Florença, no 1.º de maio de 1304, os moradores no burgo de San-Priano mandaram proclamar por um arauto em todas as ruas, que quem

quizesse saber novas do outro mundo devia dirigir-se á ponte de Caraia, nas margens do Arno. Com effeito deu-se ao povo em espectaculo a representação de todos os supplicios do inferno; e toda a variedade de tormentos, inventada pela fertil imaginação dos frades, foi posta em acção sobre entes, cujos gritos e gemidos tornavam mais completa a illusão. Havia homens figurando demonios, que fazia horror ver: outros, nús inteiramente, representavam de almas expostas aos diversos tormentos.

A antiguidade forneceu poucas cousas ao Dante, e, talvez conhecendo-as, não se serviu das visões d'Er, o Armenio, e de Thespésio, referidas a primeira por Platão e a segunda por Plutarcho. Não se inspirou evidentemente senão das legendas christãs, como a do *Soldado* de S. Gregorio o Grande, e a conhecida pelo nome de *Purgatorio de S. Patricio*, em que se contam as aventuras de um cavalleiro irlandez chamado Owen ou OEn.

O sr. Labitte diz que o epico florentino conheceu esta legenda, pois em muitos lugares do poema se encontram reminiscencias della, como se póde conhecer lendo-a nas *Grandes Chroniques de Mathieu Paris*, ou no resumo que se encontra no livro do sr. Ludovice Lalanne, *Curiosités littéraires*.

As relações do christianismo com a poesia e com a arte da descripção, nota profundamente o sr. Schlegel, são da mais alta importancia para se saber a

relação da civilisação moderna com a antiga, e até que ponto precisa luctar com esta afim de attingir o mesmo grau de perfeição.

Pelo seu espirito symbolico a Biblia tornou-se para a poesia, para a esculptura e para o que nós chamamos por um gallicismo, bellas artes da edade media, e mesmo dos tempos modernos, o que para a antiguidade foram as poesias de Homero: a origem, a regra e o fim de todas as ficções symbolicas.

O christianismo contribuiu poderosamente para fazer nascer e espalhar o gosto pela allegoria, dominante na edade media.

Assim, com o tempo, em cada seculo, o cyclo legendario a que pertence a *Divina Comedia* estende-se e diversifica-se. Ve-se subir até ao Dante, que absorve estes riachos, como um grande rio, sem que as aguas pareçam engrossar.

O poeta toscano conseguiu melhor que ninguem expor com grande clareza, e com um colorido verdadeiramente poetico, apparições e arrebatamentos celestes, e ainda que no seu poema a poesia e o christianismo não estejam sempre em harmonia, a sua obra pode chamar-se um poema didactico-theologico, senão no todo, pelo menos em parte. A *Divina Comedia*, diz o sr. Lamartine, é um poema meio theologico, meio popular.

O plano da *Divina Comedia* é simples, a scena vasta e bem ornada, o assumpto patriotico, a acção

por vezes animada. E' dividida em tres partes — o inferno, o purgatorio e o paraiso — em tercetos, ou rimas triplicadas.

Segundo o circulo dos tres mundos que ahi são descriptos, o das trevas, o da purificação e o da luz, o poeta descreve uma serie de caracteres variados, e nas situações mais diversas, desde o abysmo profundo da corrupção até á bemaventurança suprema.

Conhece, para me servir das expressões felizes de um auctor muito conhecido e festejado, conhece os perigos da terra, sáe d'ella salvo pela poesia, entra no mundo mystico, horrorisa-se, no Inferno, com os supplicios dos reprobos, purifica-se nos fogos do Purgatorio, depois deixa Virgilio por Beatriz, deixa a poesia, lingua humana, pela theologia, lingua divina, vê no Paraiso brilhar a cruz formada das almas que deram a sua vida por Jesus, vê a rosa mystica abrir-se e fechar-se louvando o Todo-Poderoso, e, chegado emfim ante Deus, Dante, que já não acha palavras para expressar o seu amor, emmudece, fica deslumbrado, e não póde levantar os olhos.

O sublime cantor soube dar aos seus quadros do mundo invisivel particular grandeza, semeou-os de descripções encantadoras, de comparações frisantes, de incidentes patheticos e graciosos, de episodios ternos e melancolicos. Faz representar aos seus contemporaneos, além do mundo terrestre,

nôvos papeis, julga-os quasi todos inimigos de si proprios, e da patria, e assigna-lhes logares, segundo o merito de cada um.

Passa em revista, como diz o sr. Bachelet, todos os vicios que lançavam a Italia cada vez mais na escravidão, ataca os preconceitos mais imponentes, descobre as infamias dos grandes, persegue com allusões a politica astuciosa dos principes, e a corrupção e perfidia de alguns papas.

Não é comtudo a *Divina Comedia* exempta dos reparos da critica, e mais d'um desprimor lhe nota quem não admira cégamente as producções do genio humano, mas as estuda para tirar d'ellas o fructo são, sem que, por serem obras d'homens, sejam jámais irreprehensiveis.

Os srs. Schlegel e Lamartine, o alemão critico severo e ordinariamente justo, o francez enthusiasta admirador de todos os grandes poetas, depois de tecerem os maiores louvores ao vate de Florença, fazem as seguintes reflexões, com que concordo plenamente depois de ter lido o poema na edicção do sr. Brunone — (Firenze, 1857) — que tentei interpretar, soccorrido pela magnifica traducção d'alguns cantos, tercetto por tercetto, verso por verso, do meu erudito professor, e respeitavel amigo, o conselheiro Antonio José Viale, pelo trabalho do sr. Silvestre Ribeiro, e pela traducção franceza que já citei.

As causas principaes d'algumas censuras que se

tem feito á *Divina Comedia* são as prolongadas discussões theologicas, que fatigam o leitor; a singular reunião de citações biblicas e d'allusões mythologicas, e concepções bizarras d'um gosto duvidoso, como por exemplo, as danças dos astros para mostrar o seu contentamento.

Por toda a parte se acha a unidade e a ordem na grande epopea, mas este encadeamento e unidade não se conhecem facilmente, e é necessaria uma grande preparação, um estudo profundo, extensos conhecimentos, para comprehender completamente o poema, no seu todo e nos detalhes.

A sua geographia e astronomia não eram tão estranhas aos seus contemporaneos, e á geração que se lhes seguiu, como a nós, as frequentes allusões tiradas da historia de Florença deviam estar ao alcance delles, e não obstante estabeleceram-se duas cadeiras, uma em Florença, outra em Bolonha, para o explicar e commentar.

Hoje já não existe a physica, nem a philosophia escolastica da idade media, a politica mudou, as formas da arte e do idioma soffreram modificações, por isso os logares em que os detalhes historicos e de theologia absorvèm a poesia, são completamente inintelligiveis na *Divina Comedia;* por isso o sr. Lamartine diz com severidade demasiada, que se deve lêr folheando-a como quem procura perolas entre conchas; por isso sendo *o mais notavel e o mais nacional* dos poetas italianos, Dante,

não se tornou verdadeiramente o poeta da sua nação, e foi durante seculos, qual Homero, explicado e commentado por professores publicos.

VII

ADELAIDE RISTORI

Adelaide Ristori

PRIMEIRA TRAGICA MODERNA

I

Depois de ter excitado espontaneo enthusiasmo e sincera admiração dos povos mais intelligentes da Europa; depois de novos triumphos alcançados na patria de Lopo de Vega, Moreto e Calderon, veio Adelaide Ristori visitar a patria de Gil Vicente, Almeida Garrett e Mendes Leal. Julgo, portanto, a proposito coordenar um extracto do que a respeito da grande artista teem escripto os srs. Lamartine, Moraud, Montasio, Hugelmann e outros escriptores conhecidos, e do que tem dito os principaes jornaes dos paizes, que a illustre italiana tem percorrido. Incita-me a emprehender esta agradavel tarefa a reputação da actriz illustre de quem Hugelmann chega a dizer, na *Revue des races la-*

tines, que é a mais alta personificação da arte dramatica na nossa época, e que tem, mais do que Rachel, a alma, e do que Frederico Lemaitre, a dignidade; e A. de Lamartine, no seu *Curso familiar de litteratura*, fallando de uma representação da tragedia *Medéa*, que ella foi uma triplice gloria para o seu auctor, Legouvé; para Montanelli, seu poetico traductor; e para Ristori, sua pathetica interprete. Faz-me insistir no empenho a propria historia de Adelaide Ristori, que tem o merecimento de refutar uma das idéas, que em philosophia social tem creado mais raizes, talvez porque é a mais falsa, como bem diz Mirecourt, creio que na biographia de Rose Chéri; a idéa de que a excentricidade dos costumes pouco edificantes de alguns artistas dramaticos provém da brilhante profissão que exercem.

Os concilios de Elvira em 305, e de Arles em 314, e depois os de Mayence, Tours, Rennes e Châlons, nos principios do seculo IX, fulminaram penas contra os comediantes, e declararam a sua occupação *infame*. E' esta a origem dos preconceitos que só agora se vão desvanecendo. Mas o que eram os comediantes nessas épocas? Uns miseraveis vadios, cujas representações eram farças impudicas, misturadas com danças torpes e gestos obscenos, que escandalisavam a moral publica. Eram jograes e histriões.

O que tinha sufficiente razão de ser na vilesa

dos espectaculos, na immoralidade das composições, e na dissolução de costumes dos interpretes da arte, não a tem hoje plausivel.

Mas será esse o theatro como desde o seculo XVI o entendeu o nosso Ferreira, e todos os subsequentes dramaturgos? Ninguem dirá que sim.

O theatro, diz madame de Stael, é a *litteratura em acção.*

Quem não considerar os artistas, é porque despresa a arte.

Mas os vicios, a vida desregrada dos comediantes? Os máos costumes! São elles por ventura inherentes a esta ou áquella profissão, a uma ou outra classe da sociedade? Nunca se poderá provar que o trabalho, a intelligencia, o talento, as faculdades artisticas vivem do que as mata.

Diante de factos o sophisma cahe para não tornar a levantar-se.

II

Adelaide Ristori nasceu em Civitale, pequena cidade de Friuli, *Forojuliensis Tractus*, provincia consideravel da Italia, em 1823. Seus pais Anto-

nio Ristori e Magdalena Pomatelli, obscuros comediantes d'uma companhia nomada, daquellas qne cruzam a Italia em todos os sentidos, conhecida pelo nome de companhia *Cavicchi*, não lhe poderam offerecer uma existencia brilhante, o que lhe ensinou cedo a não contar senão com as proprias forças. Dos quatro aos doze annos representava papeis de creança, nos quaes de certo revelou grande vocação e disposições para a scena, pois que em tão tenra idade foi escripturada pelo famoso director e actor Moncalvo, devendo, segundo as condições da escriptura, ser encarregada das partes de lacaia e de ingenua, e foi a este ultimo titulo que deveu o seu primeiro papel importante, Francesca de Rimini, heroina do poeta da *Divina Comedia*, do Hercules da poesia, como Lamartine chama ao Dante.

Francesca de Rimini, uma das bellezas mais notaveis de Italia, era filha do senhor de Ravenna. Guido de Polenta, seu pae, havia-a forçado a casar com Lanciotto, um miseravel, feio, repugnante, disforme, côxo, avaro e feroz. Seu irmão, Paulo Malatesta, era pela mocidade, formosura, elegancia e nobreza de caracter, o contraste mais perigoso para o coração de Francesca. Lastimou elle sua cunhada, amou-a, e foi d'ella amado. Surprehendidos ambos pelo marido, Lanciotto atravessou com a mesma espada os dois amantes. Este drama excitou a piedade e as lagrimas de toda a Italia.

O papel da protogonista foi magistralmente comprehendido e executado pela joven actriz.

III

Pouco depois de ter creado o papel da heroina do Dante, Adelaide Ristori entrou na companhia do rei de Sardenha, então dirigida pelo *capo comico* Gaetano Bazzi, o mais intelligente e o mais habil de todos os directores de Italia.

Antolhava-se á donzella auspicioso o futuro. Estudava aturada e conscienciosamente, com paixão até, e entregava-se do coração ás proficuas lições de Carlota Marchionni, uma talentosa actriz, cuja memoria ainda de todo se não extinguiu em Turim, e que chegou a dizer-lhe: «Caminha sempre assim, serás tambem rainha da scena.»

Depois da retirada de Carlota, em 1840, Adelaide Ristori, que então contava dezesete annos, continuou a ser um glorioso ornamento da companhia sarda.

Uma das mais fulgurantes estrellas da scena dramatica italiana de então, Amalia Bettini, deixava a nova perola do theatro disputar-lhe uma parte dos bravos e palmas. Em 1841, Adelaide Ristori dei-

xou a scena, que fora testimunha das suas promettedoras estreias, e presenciou depois os seus mais lustrosos triumphos, para entrar na companhia ducal de Parma, da qual era director R. Mascherpa, e colher tambem os applausos, que até então monopolisava Antoinette Roberti, artista que figurava em primeira linha na companhia ducal.

Este talento verdadeiramente tragico, esta rainha legitima das artes e do theatro, ainda então não havia alcançado o direito de collocar sobre a formosa fronte o diadema da musa tragica.

De 1842 a 1846, em Livorno, a actriz mostrou-se artista de intelligencia e de coração, creando alguns papeis principaes em comedias novas no theatro, entre os quaes citarei, como de predilecção, os tres primores d'arte de Goldoni, *La Locandiera*, *Gli innamorati*, *Zelinda e Lindoro*; *La Lusinghiera* e *La Fera*, de Nota; *Le Cuore ed Arte*, de Leoni Fortis; *Elisabetta, regina d'Inghilterra*, de Paulo Giacometti, que ultimamente em Cadiz mereceu grande acceitação, *Piccarda Donati*, de Marenco, filho do auctor de *Pia de Tolomei*; e outros. Interpetrou todos os papeis que lhe pertenciam nas felizes producções de Gherardi del Testa, um dos mais imaginosos e festejados escriptores da Italia, o qual escreveu expressamente para Ristori *Il regno d'Adelaide*, pequena phantasia em que a interessante actriz foi encantadora.

Ristori succedeu dignamente a Carlota Marchioni

e rivalisou victoriosamente com Amalia Bettini, artista querida do publico, e elevada até então por merecida fama acima de todas as suas émulas. Triumphou patenteando aos Aristarchos que a nenhuma difficuldade era inaccessivel o seu talento.

IV

Em 1846 casou Adelaide Ristori com o marquez Capranica del Grillo, herdeiro de uma nobre familia romana. O apaixonado amor do marquez, as innumeras difficuldades de familia que teve de superar para conseguir alliar-se com uma mulher de talento, mas de jerarchia inferior, formam um drama tão poeticamente descripto por alguns biographos da grande tragica, que não me será levado a mal traduzir parte do que se escreveu a respeito destes amores, dignos da penna de Bernardin de Saint-Pierre.

Se é indiscrição, não me deve ser imputada a culpa. Demais, o comportamento de Ristori, que póde servir de exemplo a senhoras da sociedade, justifica a paixão de seu marido, paixão seguida de um affecto profundo e sincera estima, o que nem sempre succede.

VII

ADELAIDE RISTORI

panheira para toda a vida, e a cada novo insulto, a cada accusação calumniosa, elle só lhe dizia estas palavras: — Queres casar comigo?

«Não obstante as poucas formalidades de que se revestem certos casamentos na Italia meridional, as circumstancias não eram felizmente escolhidas. Além do que, Adelaide tinha uma natural repugnancia em entrar secretamente n'uma familia, que professava taes opiniões a seu respeito. Finalmente partiram ambos, um para Florença, outro para Cesena. Em quanto viajavam juntos, passaram por uma villa á hora da missa: a porta da pequena igreja estava aberta, o padre no altar: aproveitando a occasião, os dois amantes declararam ao padre, invocando os habitantes por testimunhas, que elles se tomavam por marido e mulher.

«O momento da separação não tardou. Julien marchou para Cesena, e Adelaide tomou o caminho de Florença. A correspondencia recomeçou com mais força, mas o marquez não poude soffrer muito tempo esta separação. Um dia appareceu de repente a sua mulher. Pesava sobre elle o interdicto para transpôr os limites do estado romano, aonde seu pai o tinha encerrado como n'uma vasta prisão; foi-lhe necessario transformar-se em carroceiro, e comprar o passaporte de um dançarino por 800 escudos. Foi no camarim de sua mulher que elle se escondeu logo que chegou a Florença, no meio da noite, e foi lá que Ristori, saindo da

scena carregada de flores, o achou quasi inteiramente escondido entre os seus vestidos e trajos dramaticos.

«Os dois esposos foram passar alguns dias no estado romano, depois voltaram a Florença. Em Porsetta, passagem perigosa nos limites da Toscana, o marquez e a marqueza, então gravida de seu primeiro filho, foram assaltados por uma quadrilha de verdadeiros salteadores, como só se encontram em Italia e no theatro. O marquez Julien foi amarradc a uma arvore, e o pae de madame Ristori despojado de tudo. A nova marqueza, porém, sem se intimidar com as ameaças, tanto bradou por soccorro que os bandidos bateram em retirada.

«Todas as historias, como a que acabamos de contar, terminam do mesmo modo: a reconciliação e a benção paterna. Foi a marqueza de Capranica, uma excellente mãe de familia, uma santa senhora, quem primeiro se deixou de preconceitos. Vendo que era séria a paixão de seu filho, quiz indagar o que era esta sereia, que lhe tinham pintado com feias côres. Soube então que a Ristori era uma mulher de piedade viva e sincera, e que o sentimento religioso, que torna Maria Stuart tão bella nas suas ultimas scenas, era levado por ella á verdadeira origem da fé e da crença, (aos 19 annos Adelaide esteve quasi fazendo-se religiosa, e para entrar n'um convento de Viterbo). Poude convencer-se tambem a velha marqueza que sua nora nunca tinha faltado

tines, que é a mais alta personificação da arte dramatica na nossa época, e que tem, mais do que Rachel, a alma, e do que Frederico Lemaitre, a dignidade; e A. de Lamartine, no seu *Curso familiar de litteratura*, fallando de uma representação da tragedia *Medéa*, que ella foi uma triplice gloria para o seu auctor, Legouvé; para Montanelli, seu poetico traductor; e para Ristori, sua pathetica interprete. Faz-me insistir no empenho a propria historia de Adelaide Ristori, que tem o merecimento de refutar uma das idéas, que em philosophia social tem creado mais raizes, talvez porque é a mais falsa, como bem diz Mirecourt, creio que na biographia de Rose Chéri; a idéa de que a excentricidade dos costumes pouco edificantes de alguns artistas dramaticos provém da brilhante profissão que exercem.

Os concilios de Elvira em 305, e de Arles em 314, e depois os de Mayence, Tours, Rennes e Châlons, nos principios do seculo IX, fulminaram penas contra os comediantes, e declararam a sua occupação *infame*. E' esta a origem dos preconceitos que só agora se vão desvanecendo. Mas o que eram os comediantes nessas épocas? Uns miseraveis vadios, cujas representações eram farças impudicas, misturadas com danças torpes e gestos obscenos, que escandalisavam a moral publica. Eram jograes e histriões.

O que tinha sufficiente razão de ser na vilesa

dos espectaculos, na immoralidade das composições, e na dissolução de costumes dos interpretes da arte, não a tem hoje plausivel.

Mas será esse o theatro como desde o seculo XVI o entendeu o nosso Ferreira, e todos os subsequentes dramaturgos? Ninguem dirá que sim.

O theatro, diz madame de Stael, é a *litteratura em acção.*

Quem não considerar os artistas, é porque despresa a arte.

Mas os vicios, a vida desregrada dos comediantes? Os máos costumes! São elles por ventura inherentes a esta ou áquella profissão, a uma ou outra classe da sociedade? Nunca se poderá provar que o trabalho, a intelligencia, o talento, as faculdades artisticas vivem do que as mata.

Diante de factos o sophisma cahe para não tornar a levantar-se.

II

Adelaide Ristori nasceu em Civitale, pequena cidade de Friuli, *Forojuliensis Tractus*, provincia consideravel da Italia, em 1823. Seus pais Anto-

foi *Mirra* jurou de não tornar a sel-o nunca mais. Felizmente o verdadeiro talento não é fiel aos juramentos que faz contra si.

A guerra civil devastava a desditosa Italia, tão digna de melhor sorte, representavam-se nas ruas tragedias muito mais terriveis do que sobre a scena, e pensava-se mais nas proprias desventuras do que nos heroes antigos. Os francezes cercaram Roma. A actriz transformou-se em irmã de caridade, e correu a pensar os feridos sem indagar se eram vencedores ou vencidos. Era impossivel occupar-se de theatro quando as bombas substituiam as corôas, e os gritos dos moribundos e dos feridos succediam aos applausos de um publico pacifico e intelligente, quando a hedionda guerra civil agitava pelo paiz o seu facho incendiario. Finalmente restabeleceu-se o socego, ao menos na apparencia.

Repetidas instancias de madame Internari (1) fizeram estudar Adelaide Ristori com novo ardor o papel de *Mirra*. Querendo acompanhar no perigo a sua cara discipula, a velha tragica representou com ella o papel da *ama*. Deu-se a batalha. A victoria foi completa. A nossa heroina elevou-se até aos ultimos limites da arte. O triumpho foi inexcedivel. Daqui data o principio da sua grande re-

(1) Esta actriz, muito celebre na Italia, morreu ha quatro annos. Fez-se uma subscripção particular para lhe erigir um monumento, e Ristori contribuiu para elle com uma somma importante.

putação. O seu nome figurará no futuro a par de Roscius, Garrick, Talma, Rachel, estes grandes actores, tão raros como os grandes poetas, que personificam, n'um corpo e n'uma dicção modeladas sobre a natureza pela arte, as grandes e tocantes figuras que a historia ou a imaginação grupam sobre a scena em poemas dialogados, ensopados em sangue e em lagrimas.

A imaginação recua diante das prodigiosas difficuldades que um grande actor ou uma grande actriz tem que vencer, para se transfigurar, á vontade, no personagem que é encarregado de representar, desde a physionomia até á paixão e ao tom de voz.

Ristori venceu todos os obstaculos: já segura de si, percorre todas as capitaes da peninsula, á testa da companhia real da Sardenha, fazendo ampla colheita de applausos e flôres, até 1854, epoca em que resolveu fazer sanccionar pelos bravos da capital da civilisação a realeza que exercia em Italia. (1)

(1) N'este tempo estava escripturada a eminente actriz por trinta mil francos por anno em Italia, aonde os primeiros actores só ganhavam seis mil.

VIII

A 14 de maio de 1855 chegou a Pariz Adelaide Ristori. Uma especie de desconfiança e de incerteza acolheu geralmente a celebre tragica, de quem a fama contava maravilhas. Dizendo que se retirou a 10 de setembro seguinte com um privilegio que lhe assegurava o Theatro Italiano por tres annos, de março a julho, podemos omittir a longa narração de cada um dos seus triumphos.

Basta, para fazer idéa do effeito que produziu em Pariz, copiar a carta que o imperador Luiz Napoleão lhe mandou escrever pelo seu secretario, quando ella se dispunha a deixar a capital da França pela primeira vez.

«L'empereur sera charmé de vous entendre «avant votre départ; mais en consentant à rece«voir vos adieux, S. M., comme le public parisien, «compte sur une courte absence; et dans les ap«plaudissements qu'elle vous réserve se trouve«ront, n'en doutez pas, l'invitation de revenir et l'es«pérance de vous revoir bientôt. Je suis heureux, «madame, d'être l'interprete de l'empereur auprés «de la grande artiste devenue française; et je vous «prie etc.»

IX

Ristori percorreu em seguida as grandes cidades francezas. Visitou o Havre, Angers, Orleans, Tours, Bordeaux, Blois, Montpellier, Toulouse, Marselha, Nimes, Leão, e Lille, aonde os artistas do grande theatro lhe conferiram e offertaram uma corôa de ouro. Depois de ter colhido novos louros em Bruxellas, Munich e Berlin, Dresda, Hamburgo, Varsovia e Pesth, etc., voltou á patria.

Não ouso tentar a descripção das ovações que os seus compatriotas lhe fizeram. Saudaram-a como uma illustração, que acabava de provar mais uma vez ao mundo, que a Italia, depois de tantas crises intellectuaes e moraes de que está cheia a sua historia, em que os talentos são tão raros como os grandes caracteres, mostra-se ainda joven e fecunda.

Em Verona edificou-se um theatro, que foi baptisado com o nome da actriz, e até em Genova se fundou um jornal com o titulo de — *Adelaide Ristori*.

Em 1856 voltou a Pariz a grande tragica, depois de ter visitado a Allemanha, pela segunda vez.

Em Vienna a aristocracia deu um opiparo banquete em sua honra, e os artistas do theatro da

côrte organisaram uma brilhante festa no fim da qual mademoiselle Louise Neumann lhe declamou um soneto de Saphir. Foi em Vienna, que n'uma representação de *Maria Stuarda*, constipada repentinamente, e sentindo que a voz se lhe ia enfraquecendo a ponto de não ser possivel fazer-se ouvir na sala, acceitou do dr. Pasquali, que outr'ora tratára a Malibran, egregia cantora immortalisada por Alfredo de Musset, um d'estes remedios heroicos de que o veneno é a base, e que só decidido amor pela arte ou pela vida póde resolver a tomar. Adelaide Ristori, fazendo cessar a representação, podia curar-se com um tratamento brando; não lhe soffreu o animo, porém, perder a inspiração que lhe acudia naquella noite mais brilhante do que nunca.

Depois da estação theatral de Pariz de 1857, foi a Londres, aonde creou *Macbeth*, tragedia de Shakspeare, traduzida expressamente para Adelaide Ristori, por G. Carcano. A apparição da illustre tragica em Inglaterra marcou epoca nos fastos dos triumphos theatraes. Obteve um exito monumental. O effeito produzido sobre os allemães reproduziu-se sobre os inglezes. Passou a Dublin no mez de agosto, aonde foi egualmente applaudida por todas as classes da sociedade.

X

A ardente italiana só conhece Hespanha de nome e de reputação. Resolve visital-a. Chega a Madrid, e dá só nesta capital as 21 representações que tencionava dar em toda a Peninsula. A rainha D. Isabel 2.ª tratava-a como amiga, de quem igualmente apreciava o talento e o caracter, os homens competentes admiravam-a e elegiavam-a, o publico enthusiasmava-se e não se cançava de applaudil-a.

Um misero soldado, condemnado por insubordinação, estava sentenceado á morte. Os pobres pais do indigno militar não ousavam apresentar-se no palacio real. Tinha-lhes atravessado o pensamento a idéa de implorar o poder moderador. Era a derradeira esperança. Mas tentar o supremo esfôrço além de ser talvez debalde, não cabia nas forças dos tristes. Só a desesperação lhe daria animo. Dizem-lhes, porém, que todas as noites a magestade, cuja clemencia querem mover, vai prestar preito e homenagem a outra magestade, que não é escoltada pela força, e que deixa chegar ao pé della os infelizes que soffrem. Os afflictos esposos voam ao theatro, abraçam os joelhos da Ristori, pe-

dem mais com lagrimas do que com sentidas palavras a sua poderosa protecção. A rainha da scena só lhes responde: Salval-o-hei! Reveste-se de toda a sua energia, esconde a propria commoção, e dirige-se á tribuna real. Conhece que a filha dos Bourbons está sob o imperio de fascinação que ella exerce, tem confiança na suprema bondade, e pede á rainha o perdão do culpado. Quando os labios de Isabel II se abriram para concedel-o, a fraca mulher reappareceu sob a grande artista. Chorou devéras e sem ter poder em si. Toda a Europa sabe esta anedocta. O telegrapho levou a noticia della a toda a parte.

XI

De Madrid passou madame Ristori a Valença e Barcellona. Foi acolhida em *Valencia la bella* e na cidade dos condes como o seu raro merecimento tinha direito a esperar. Não tendo ainda chegado a epoca theatral de Paris, passa por França, aonde só se demora para ir visitar Nossa Senhora do Loreto, e apertar algumas mãos amigas. Revê a Allemanha, aonde o enthusiasmo redobra.

O rei de Hanover quer saudar *Maria Stuarda*,

e díz-lhe : Applaudo o nosso illustre poeta Schiller, senhora, e affirmo com elle, depois de a ter ouvido, que um grande artista é egual a um rei!

Na seguinte estação de Paris representou *Macbeth*, *Judith* e *Phedra*, excitando os applausos geraes do publico e de toda a imprensa.

Os grandes triumphos theatraes são uma coisa maravilhosa : exercem sobre o publico uma sorte de fascinação que tem mil modos de se manifestar, principalmente quando tem por causa evidente o valor intrinseco de uma obra qualquer, ou o talento excepcional de um ou de alguns interpretes. Adelaide Ristori recebeu toda a sorte de demonstrações de quanto era apreciado o seu talento superior pelas pessoas competentes, e de quanto enthusiasmo produzia no publico parisiense o desempenho notavel dos novos papeis que comprehendera e interpetrava.

XII

De então até hoje a sua brilhante carreira tem sido uma serie não interrompida de triumphos monumentaes.

Adelaide Ristori tem continuado a viajar com a

sua companhia e a colher viçosos louros por toda a parte aonde, trajando as vestes antigas, apparece para excitar a curiosidade publica ao mais alto ponto, communicando, por assim dizer, a febre e o delirio aos espectadores.

Uma elegante penna franceza dá conta da monumental estreia da Ristori, na sala Ventadour, do seguinte modo:

«A primeira representação da *Medea*, de Legouvé, traduzida em italiano, teve lugar ha pouco no theatro Ventadour, perante um numeroso publico. A singularidade do espectaculo, a recordação da tão fallada querella de *mademoiselle* Rachel com o sr. Legouvé, o desempenho do principal papel por *madame* Ristori, excitou os mais freneticos bravos. E' incalculavel a quantidade de ramalhetes, que foram atirados ao palco. O enthusiasmo chegou ao seu auge. A *Medea* terá o maior, o mais estrondoso exito d'esta estação, e mal poderiamos asseverar o seu termo. E' uma fortuna para a companhia italiana, é uma nova gloria para *madame* Ristori.»

Depois da estação de Paris d'este anno, voltou á Belgica pela quarta vez, e visitou de novo a Hollanda, a pedido da rainha, que honra a illustre artista com particular distincção.

Em Amsterdam nenhuma outra artista estrangeira excitou tão grande enthusiasmo como a tragica italiana, nas cinco representações que deu no

grande theatro. Muitos espectadores reuniram-se aos estudantes do Atheneo, e deram uma brilhante serenata a madame Ristori, indo uma deputação offerecer-lhe um rico album e um delicado ramalhete de mimosas flôres n'um bem trabalhado *porte-bouquet*. Houve musica, vivas, delirio como já por cá se tem visto, mas de que não havia memoria na commercial patria do famoso Espinosa.

Excitou geraes applausos e identicas demonstrações na Suissa, em parte da França, em Cadix, em Malaga, e em Sevilha, donde veio para Lisbôa.

De Lisboa voltou a Madrid, a pedido de S. M. C., que lhe concedeu o theatro do Oriente, como em Portugall he foi concedido o de S. Carlos, e depois percorreu o resto das grandes cidades de Hespanha, voltou ainda a Pariz, e em seguida visitou Hamburgo, Hanovre, Dresda, Berlim e a Russia.

XIII

Para a grande tragica, para a eminente artista, a arte é constante preoccupação. Fundou em Florença um premio que tem o seu nome, para a melhor composição dramatica, e outro para a declamação. Depois de ter conquistado o throno, a soberana fez-se protectora.

foi *Mirra* jurou de não tornar a sel-o nunca mais. Felizmente o verdadeiro talento não é fiel aos juramentos que faz contra si.

A guerra civil devastava a desditosa Italia, tão digna de melhor sorte, representavam-se nas ruas tragedias muito mais terriveis do que sobre a scena, e pensava-se mais nas proprias desventuras do que nos heroes antigos. Os francezes cercaram Roma. A actriz transformou-se em irmã de caridade, e correu a pensar os feridos sem indagar se eram vencedores ou vencidos. Era impossivel occupar-se de theatro quando as bombas substituiam as corôas, e os gritos dos moribundos e dos feridos succediam aos applausos de um publico pacifico e intelligente, quando a hedionda guerra civil agitava pelo paiz o seu facho incendiario. Finalmente restabeleceu-se o socego, ao menos na apparencia.

Repetidas instancias de madame Internari (1) fizeram estudar Adelaide Ristori com novo ardor o papel de *Mirra*. Querendo acompanhar no perigo a sua cara discipula, a velha tragica representou com ella o papel da *ama*. Deu-se a batalha. A victoria foi completa. A nossa heroina elevou-se até aos ultimos limites da arte. O triumpho foi inexcedivel. Daqui data o principio da sua grande re-

(1) Esta actriz, muito celebre na Italia, morreu ha quatro annos. Fez-se uma subscripção particular para lhe erigir um monumento, e Ristori contribuiu para elle com uma somma importante.

putação. O seu nome figurará no futuro a par de Roscius, Garrick, Talma, Rachel, estes grandes actores, tão raros como os grandes poetas, que personificam, n'um corpo e n'uma dicção modeladas sobre a natureza pela arte, as grandes e tocantes figuras que a historia ou a imaginação grupam sobre a scena em poemas dialogados, ensopados em sangue e em lagrimas.

A imaginação recua diante das prodigiosas difficuldades que um grande actor ou uma grande actriz tem que vencer, para se transfigurar, á vontade, no personagem que é encarregado de representar, desde a physionomia até á paixão e ao tom de voz.

Ristori venceu todos os obstaculos: já segura de si, percorre todas os capitaes da peninsula, á testa da companhia real da Sardenha, fazendo ampla colheita de applausos e flôres, até 1854, epoca em que resolveu fazer sanccionar pelos bravos da capital da civilisação a realeza que exercia em Italia. (1)

(1) N'este tempo estava escripturada a eminente actriz por trinta mil francos por anno em Italia, aonde os primeiros actores só ganhavam seis mil.

A Lyra

NOTA AO VERSO 23 DO LIVRO V DOS FASTOS D'OVIDIO

Refere-se Ovidio á lyra de sete cordas, do effeito de cujos sons tantas maravilhas e fabulas se contam, á lyra tão celebrada por todos os poetas, que representou tão importante papel nos poemas antigos, e de que ainda se falla com tanto enthusiasmo, posto não figurar já nos concertos, nem nos theatros e ceremonias religiosas, e ter sido substituida com vantagem por outros instrumentos de cordas.

E' difficil, se não impossivel, conhecer a verdadeira origem da lyra, que é o mais antigo instrumento de que se acha menção. A escriptura sasagrada diz-nos que foi Tubal quem a inventou para se distrahir das canceiras do trabalho. Na poetica

e symbolica religião pagã consagravam-na a Mercurio (1), e tinham para si os mythologos, que fora o mensageiro dos deuses quem a inventára no monte Cyllene, da Arcadia, e a offerecera a Apollo, que depois a concedeu a Orpheo; a Orpheo que aprendera no commercio dos sacerdotes egypcios, com a arte da musica, a maneira de expiar os crimes, de applacar os deuses, e de curar as doenças; e que, passando pela Grecia, theologo e legislador sagrado, prometteu a felicidade na outra vida, pela piedade e pela virtude; a Orpheo que com os magicos sons deste suave instrumento sustinha a carreira dos rios e o respiro dos ventos, e domesticava os animaes ferozes, que não eram outros senão os tyrannos e guerreiros selvagens, que o philosopho pretendia attrahir á civilisação.

Tambem é opinião de alguns ter sido Arion, que floresceu no tempo de Periandro, tyranno de Corintho, o inventor e primeiro tocador de lyra, *primus fuit omnium citharistarum* (2.) Contam delle que indo de viagem, a tripulação do navio, em que

(1) Te canam magni Jovis et deorum
Nuntium, curvaeque lyrae parentem.
Hor. 1 Carm. Od. 10.

Te lyra pulsa manu, te carmina nostra sonabant.
Ovid. 10 Metam.

(2) Blasio Vigenero, *in Amphionem Philostrati*, citado por Bluteau, e outros escriptores de auctoridade confunde a lyra e a cithara, que não era outra coisa mais do que uma lyra pequena.

se embarcára, tentou assassinal-o para o roubar, mas tendo obtido permissão de dedilhar por um pouco a sua lyra, antes de morrer, attrahiu com as melodias, que soube tirar della, os monstros marinhos, que encantados rodearam a embarcação. Arion saltou então sobre um delfim que o conduziu á praia são e salvo.

Ha quem attribua a Lino, mestre de Hercules, a invenção deste instrumento, ao som do qual se levantaram os muros de Thebas, segundo a allegoria da lyra de Amphion; e

Sapho a sacerdotisa e victima do amor

se precipitou do monte Leucate; diz, porém, Homero ter sido o proprio Hercules quem a inventou, construindo a primeira lyra de uma concha de tartaruga, que armou de cordas de tripa, ao som das quaes afinava a voz. No templo das Musas em Roma se via com effeito a efigie de Hercules a tocar lyra; e não deixa de ser curioso, e para se apontar nesta nota, que é esse Hercules musico, o que cerra os seis cantos existentes do poema dos *Fastos*, sendo a sua ultima palavra, o seu *finis coronat opus*, o nome lyra.

A poesia nasceu com o homem; assim o pensam e affirmam os melhores auctores; assim nol-o indica a razão. Cicero diz positivamente que, entre os gregos, nada se encontrava mais antigo do

que a poesia, e até se sabe que a primeira historia delles foi escripta em verso. Ainda que não é possivel remontar até á primeira obra poetica, quem não sabe que o primeiro modo de vida para o homem foi o pastoril? E' por tanto conclusão rigorosa que os primeiros poetas foram aquelles descuidosos pastores, que passavam alegremente a vida recostados por baixo de inquietas aveleiras, á beira dos ribeiros que cortavam os hervosos valles, por onde pastavam os gordos rebanhos (1).

Um destes taes, d'Agrigento, um certo Iris, e se não foi elle, outro seria, depois de provavelmente ter procurado imitar com a voz os melodiosos gorgeios das aves, reparou nos canoros murmurios, que saiam dos cannaviaes seccos, suavemente agitados da viração, e teve a idéa de supprir com um instrumento a deficiencia do orgão vocal. Daqui a origem da frauta rude e avena agreste, daqui consequentemente, e muito depois, a origem

(1) Diz Horacio:

Agricolae prisci, fortes parvoque beati
Condita post frumenta levantes tempore festo
Corpus, et ipsum animum ipse finis dura ferentem,
Cum sociis operum et pueris et conjuge fide
Teleurem porco, Silvanum lacte piabant.

E Tibullo:

Agricola assiduo primum lassatus aratro,
Cantavit certo rustica verba pede
Et satur arenti primum est modulatus avena
Carmen, ut ornatos duceret ante Deus.

dos instrumentos de cordas, quando se lembraram de recitar os poemas ao som delles.

Eram as lyras de differentes dimensões e de formas variadas, sem comtudo variarem de natureza e propriedades. Estas differentes formas, diz Marin Mersenne, fallando largamente deste instrumento, na sua *Harmonie universelle*, não dão á lyra mais variedade do que as figuras d'ellipse, d'hexagono, ou de quadrado dariam ao relogio solar, aliás poder-se-hia dizer que havia mais de cem especies de lyras; o que é contra a verdade e experiencia. Nos marmores, pinturas e medalhas da antiguidade é a lyra representada muitas vezes de forma circular. Hygino da-lhe outra figura. Havia uma que era quasi um triangulo, chamada *trigone*. A lyra com que os pintores e estatuarios representam Apollo tem ordinariamente a figura de dois SS oppostos um ao outro.

N'um baixo relevo da *villa* Medicis, em Roma, diz Montfaucon na *Antiquité éxpliquée*, que se via uma lyra triangular, com um dos lados curvo.

Dava-se á lyra, segundo a forma e as dimenções os nomes de *cithara*, *chelys*, *barbiton* e outros (1). A chamada *barbiton* era a mais grave e a maior;

(1) A lyra, quamvis poetae *lyram*, citharam, testudinem saepe pro eodem organo ponant, et cithara diversae sunt, quia lyrae Mercurius auctor, citharae Apollo.

S PITISCO. — *Lex. antig. rom.*

Fallando dos instrumentos de cordas diz Montfaucon: — Ex hisce omnibus instrumentis puto unum indemque e saepe diversis nominibus exprimi.

mas todas se assimilhavam á forma da tartaruga (1), e constavam de dois ramos ou braços arqueados em S, uma travessa, caravelhas, cordas de linho ou de tripa, e uma caixa ou tambor, sobre o qual se prendiam as cordas, e que formava uma especie de caixa sonora de madeira a que chamavam *maga*. As primitivas eram feitas de concha de tartaruga, *testudo*, com dois cornos de bode montez sobrepostos, e uma hastea de buxo atravessada, tendo cordas de tripa estendidas ao comprido.

A lyra phenicia só tinha duas cordas, a de Terpandro tres, a pandora de Babylonia tres tambem. Diz Bianchini que a lyra de quatro cordas foi construida por Mercurio, e augmentada até sete por Apollo; que Corebo inventou a quinta, e Hyaginis Phrygio a sexta. Pollux attribue aos scythios a invenção do pentachordio. A lyra mais usada, porém, a de Orpheo, segundo se vê de Virgilio, a d'Apollo (2), a usual entre os romanos no tempo d'Augusto, era a de sete cordas.

Em Argos, no Peleponeso, celebravam-se diversos jogos publicos, nos quaes se propunham premios aos musicos. Os tocadores de lyra eram tambem admittidos, mas não lhes era permittido apresentarem-se com instrumentos de mais de sete cor-

(1) Formam habet testudinis.

PLIN. *Lib.* 9, *cap.* 10.

(2) Apollinis septichordis fuit.

MACROB, *Sat.* I.

das, nem tocarem nelles em tom mais agudo que o mixolydio (1). Os que ousavam infringir estas leis, recebiam a mesma affronta que fizeram os lacedemonios a Terpandro, a Phrynis e a Timotheo, que foram obrigados a pagar uma multa (2), por igual culpa.

N'um baixo relevo do palacio do cardeal Spada, diz Montfaucon, que se vê um Amphion com uma lyra de sete cordas, continuadas sobre uma peça redonda, que termina o instrumento em baixo.

Simonides ajuntou á lyra mais uma corda para produzir a *oitava*, Timotheo de Mileto, no tempo de Filippe e d'Alexandre, elevou a doze o numero das cordas, e chegaram depois a construir-se até de vinte; mas estas eram reservadas para celebrar os deuses e os heroes,

> Musa dedit fidibus divos, puerosque deorum
> Horac. Art. Poet.

A de dez cordas encontra-se representada em muitos monumentos antigos.

As cordas ordinariamente eram collocadas como as da harpa que se pinta nas mãos do rei David, que com as harmonias della applacava os

(1) Nos mais bellos seculos d'Athenas e de Roma havia só treze modos na musica. Dispostos do grave para o agudo, o mixolydio era o decimo segundo.

(2) Dialogo de Plutarco sobre a musica, traduzido do grego e commentado por M. Burette.

furores do invejoso Saul, e tangendo-a, e bailando, ante a Arca Santa, celebrou as glorias do Senhor.

Na cithara faltava a *maga* e os lados eram mais separados. A lyra maior approximava-se do *kinnor* de David que tinha dez cordas.

De tres modos se tocava a lyra: ou dedilhando as cordas, ou tangendo-as com um arco de pau polido, similhante ao da rebeca, mas mais curto, chamado *plectro*; ou finalmente dedilhando-as com a mão esquerda e tocando-as ao mesmo tempo com a direita armada de plectro. O tocador usava um par de dedaes no polegar e index da mão esquerda, pouco mais ou menos como os hebreus usavam, e ainda hoje se usa para tocar psalterio; com estes vibrava uma das extremidades da corda, para tirar um som agudo, e immediatamente tocava com o arco; outras vezes corria alternativamente as cordas e fazia que vibrassem em cheio. Era esta a maneira mais seguida, segundo se vê das pinturas e marmores. Os homens que tocavam as lyras nas ceremonias publicas eram chamados citharistas, *citharistae*, e as mulheres psaltrias, *psaltriae*, e o que cantava acompanhando-se deste instrumento recebia o nome de citharedo, ou lyrodo (1).

(1) Lyristae dicuntur, qui assa *lyra* utuntur.

SIDON. *Epist.* II

Lyrodi dicuntur, qui lyrae cantum cum voce maritent cantores lyricorum carminum ab allis editorum.

SALMAS. *Exerc. Plin.* p. 6009 *a*, *B. Buleng. de Theat.* II. 37.

Usava-se a lyra nos cantos tragicos, e Sophocles metteu-a n'uma das suas tragedias, assim como Legouvé no modelo da tragedia renascida—*Medéa.*

Era costume nos festins passar a lyra de conviva a conviva, e o que a não sabia tocar, quando lhe chegava a vez, era tido em conta de pessoa de educação pouco esmerada, como um dia aconteceu a Themistocles (1); e era costume antigo, segundo conta Plutarcho, dar um ramo de murta ao que se recusava a acompanhar-se da lyra, para cantar com elle na mão.

Na China, desde tempos immemoriaes, conhecem-se duas especies de lyra, de cordas de seda, as quaes produzem melodias suavissimas e encantadoras, uma, *kiu*, só de cinco cordas, outra, *ché*, que chega a ter vinte e cinco, e serve para acompanhar as vozes. A lyra allemã approximava-se da antiga pela fórma, pois que consistia n'uma caixa oblonga e sonora, parecida com a parte inferior da viola, com quatro cordas presas no interior, sobre as quaes jogavam dez ou doze teclas moveis, com que a mão esquerda as encurtava, em quanto a direita dava movimento a uma roda untada de colophonia, que as fazia produzir os sons.

Pelos fins do seculo passado e principios deste,

(1) Ut post coenam circumferretur moris fuit in epulis. Temistocles cum respuisset quia illa canere nesciret, indoctor habitus est.

BULENG. DE CONIRO. III. 33.

1785 a 1810, pretendeu-se em França fazer reviver a lyra, dando-lhe quasi a forma e o braço da guitarra de seis cordas, para lhe facilitar o uso e tornar mais commodo o instrumento, cuja forma elegante e pittoresca, suavidade do nome (1), e poeticas recordações a elle associadas, tentaram as damas da sociedade nesse tempo em que se não gostava senão do que revivia dos antigos, e em que era moda tudo o que vinha dos gregos; mas a incommodidade da forma e principalmente a magreza dos sons, ainda que maviosos, languidos, proprios para fazer concentrar o espirito e excitar a devoção, obrigou a voltar á harpa, á viola, e á guitarra, cujos sons são muito mais cheios e vibrantes.

Marin Mersenne, da ordem dos minimos, descreve minuciosamente o modo de afinar a lyra, e usar della, segundo M. le Baillif, o Orpheo de França. Se este instrumento revivesse, diz o auctor da *Harmonie universelle*, e se tornasse familiar, seria para grande contentamento em razão da sua elegancia e multiplicidade de seus acordes.

Ainda não ha muito tempo que em Italia se usava este instrumento tão proprio para acompanhar os cantos historicos, e particularmente os elevados e sublimes, tanto em vulgar como em latim, porque acompanha a voz tão facilmente como o orgão, e

(1) Lyra: do grego, de *hialos* suave e *rhéo* correr.

com mais diversidade, visto que se lhe pódem adoçar os sons tanto quanto se quizer.

Hoje só resta da lyra a menção que todos os poetas fazem della, desde Homero, até Camões: desde Camões, até ao mais obscuro cerzidor de trovas. A vulgaridade do nome quasi que lhe tem abolido o valor. Millevoye disse chistosamente, fallando de um rimador das duzias

Et prenant un crayon qu'il appelait sa lyre...

mas paremos aqui já, que andam por ahi muitos lyricos de má avença.

IX

NERY-BARALDI

Nery-Baraldi [1]

(NOTICIA BIOGRAPHICA)

O prestigio que os cantores celebres teem alargado do palco até aos salões, onde a aristocracia da arte e do talento reina sobre a do nascimento e dinheiro, as grandes vicissitudes da fortuna, que se accumulam na historia dos interpretes notaveis das concepções do genio, tornam as biographias das celebridades cantantes uma reunião de episodios mais variados e interessantes do que os de qualquer poema ou romance. Que serie de metamorphoses, qual d'ellas mais pasmosa! O amor, a galanteria, a dedicação, o crime, o desinteresse, a avareza; vicios e virtudes, sempre por paixão, os costumes muitas vezes pouco edificantes, sempre poeticos, sempre sentidos, tudo se encontra

[1] Artigo publicado na *Revista de Lisboa*.

na vida aventurosa d'esses artistas, que fazem repercutir em todo o mundo o echo dos seus triumphos.

Nery-Baraldi porém, é uma rara excepção. As inequivocas provas de sympathia e apreço, e o bom acolhimento que tem tido em toda a parte desde o começo da sua brilhante carreira, os applausos que tem recebido, o enthusiasmo que tem excitado em todos os theatros que tem feito, nunca lhe alteraram o systema de vida tranquilla, que adoptou por indole e educação. Sincero e leal para os seus amigos, franco e generoso para os infelizes, lhano e affavel com todos, distingue-se por estas qualidades da maioria dos seus camaradas, e merece por estes titulos tanto como pelo seu talento, estas provas de consideração e estima, que hoje todos lhe damos com prazer.

Pedro Nery-Baraldi nasceu em Minerbio em 1828, de paes pouco abastados. Aos quatro annos ficou orphão de seu honrado pae, mas, não obstante as difficuldades em que este triste succedimento collocou sua boa mãe, uma santa senhora que o estremecia, Baraldi foi instruido nos estudos primarios, e indispensaveis para qualquer profissão honrosa. Como se observa em todas as vocações decididas, a sua inclinação irresistivel para a musica manisfestou-se logo nos primeiros annos. Esquecia-se horas inteiras a cantarolar canções da sua terra, importando-lhe pouco a lição do dia se-

guinte e a *ferula* do *magister*; mas não foi ao canto que se dedicou no começo da sua carreira musical. Principiou por fazer parte de uma banda militar, tocando *bombardino*, instrumento em que conseguiu distinguir-se.

Então, como na infancia, Baraldi inspirado pelos instinctos que mais tarde lhe haviam de abrir a carreira theatral, e unicamente para desafogar, entregava-se repetidas vezes a exercicios despretenciosos com a sua voz maviosa, plangente, expansiva e sympathica, cujas bellezas em embrião, e ainda não cultivadas e desenvolvidas, já attrahiam commovidos todos os predilectos da musica, Entre estes encontrou-se um dia o general francez Talon, que aconselhou o joven tenor a ir estudar em Bolonha a arte do canto. Tinha então Baraldi dezenove annos.

Este illustre personagem, a quem Nery deveu todo o bello futuro, em que tantas vezes sonhara, mas que tão difficil se antolhava, recommendou-o a Rossini. O celebre *maestro*, depois de ter ouvido a bella voz do pretendente á sua protecção, e de lhe ter prophetisado logo, se se entregasse a um estudo serio e aturado, os triumphos que depois o fizeram conhecido na Europa, entregou-o ao *maestro* Ferrari Castalvetri de Bolonha. Nery recebeu durante tres annos, além das lições que o iniciaram nos segredos da arte, muitas provas de predilecção do seu professor, que lhe gravaram na

alma nobre e reconhecida um affecto profundo e indelevel para com o seu intelligente *maestro*.

O reconhecimento sincero de Nery-Baraldi pelo general Talon demonstra-o elle com a eloquencia do sentimento, sempre que falla do seu primeiro protector, ou da sua illustre e bondosa familia, de quem o mavioso tenor conserva as mais gratas recordações. O distincto cantor é prodigo em expressões de affecto, e manifestações saudosas a respeito de factos, em que a sua gratidão revela toda a nobreza da sua alma. «D'aquella nobre familia (lhe tenho eu ouvido dizer mais de uma vez) partiu para mim como um raio propicio da fortuna, que me guiou e apontou o meu destino.»

A primeira coisa em que pousa a vista do amigo intimo que entra no quarto de Nery-Baraldi, é um pequeno retrato, que se torna notavel pela distincção e ar respeitavel da pessoa que representa. É o retrato do *maestro* Ferrari. Quando ainda lhe soam nos ouvidos os applausos e as acclamações da multidão enthusiasmada, o artista na impossibilidade de estreitar n'um abraço quem lhe ensinou com tanta experiencia e perfeição a desenvolver os seus admiraveis recursos, contempla a sua imagem com amor, e apertando a mão ao amigo que por acaso o acompanhe, diz-lhe, com os olhos humedecidos: «Este homem foi para mim como um verdadeiro pae, que o que meu deu o ser, mal o conheci, e se este não fosse, quem sabe o que

eu seria? Foi sobretudo ao carinho com que me tratou, que devi os rapidos progessos que fiz, e o não desanimar como tantos outros, antes de passar pelas primeiras provas.»

Leva-me a esquiçar a physionomia moral de Nery-Baraldi com estes leves traços, o desejo de fazer vêr quanto pela alma e pelo coração se distancêa o tenor, por mil razões querido do publico portuguez, d'esses intrigantes mesquinhos e traiçoeiros, sem educação nem principios, que infelizmente formam uma grande parte dos da sua classe. É verdade que tambem são quasi sempre as nullidades que pretendem substituir o talento pela intriga, e Baraldi, cujos triumphos se repetem em cada paiz e em cada opera, não precisa realmente senão de satisfazer ao exacto cumprimento dos seus deveres.

Pedro Nery-Baraldi fez a sua estrêa no grande theatro de Bolonha, no *D. Pascoal*, de Donizetti, e logo n'essa difficil occasião se conheceu como d'ahi em diante seria sempre recebido. Animado pelo bom exito dos seus estudos, percorreu as principaes scenas lyricas escripturado como primeiro tenor. Em Bolonha fez duas épocas, em Verona outras duas; depois em Ravena, Ferrara, Ancona, Pisa, Turim e Milão, obteve a recompensa do estudo consciencioso a que constantemente se tem entregado, e do desejo fervente de nunca dar motivo a crear um unico inimigo. Em

Pariz, no theatro italiano, fez duas estações, que lhe alcançaram a escriptura por um anno na grande Opera. Nova-York, Edimburgo e Londres, onde antes de o ouvirmos pela primeira vez, tinha duas estações, confirmaram os applausos que o artista, desde a sua estreia, tinha já conquistado ás mais intelligentes platéas da Europa.

Em 1856 Nery-Baraldi chegou a Lisboa apenas recommendado pela reputação que lhe tinham dado Londres e Pariz. Ninguem o conhecia quando appareceu em scena nos *Puritanos*, e se agora vê em cada espectador um amigo, e mais afoito se abalança a maiores commettimentos, que os competentes chamam progressos notaveis, então olhou para um publico severo e ancioso por dar o seu *veridictum* com justiça, mas sem piedade. Soltou as primeiras notas do seu harmonioso canto, e os applausos mal o deixaram acabar, commovido por tão explendida acolhida.

Temos nós o costume de não applaudir nomes que podem ter sido e já não valer, nem reputações muitas vezes usurpadas, de sorte que o artista, acostumado a platéas mais faceis de contentar, amedronta-se, quando se apresenta pela primeira vez sobre o palco do nosso theatro lyrico, com o silencio desanimador que se faz á sua apparição. Mas se tem merito real, breves instantes bastam para lhe fazer conhecer que não está diante de um povo frio e insensivel ao choque electrico

que produzem as bellezas da musica nos corações generosos. A recepção feita ha tres annos a Nery-Baraldi na sua estreia nos *Puritanos* marcou época no theatro de S. Carlos.

Depois, os applausos teem-o acompanhado sempre, tanto quando traduz com a sua voz apaixonada as inspirações de Bellini ou executa a musica de Rossini, como quando interpreta as creações de Donizetti ou de Verdi.

No primeiro anno fez com egual exito as operas seguintes: *Puritanos* — *Ottelo* — *Trovador* — *Linda* — *Somnambula* — *Elixir* — *Traviata* — *Lucrecia* — *Maria de Rohan* — *D. Pascoal* — e *Vesperas.*

Foi porém na parte de desventurado amante da infeliz *Eleonora*, que Nery obteve n'essa época um d'esses triumphos que definem e proclamam a completa vocação de um artista. Que paixão, que suavidade, que mimo, e, o que mais é e mais surprehende pelo genero da sua voz, que força não desenvolve o bravo *Manrico* no *Trovador!*

No fim da época todos geralmente applaudiram a reescriptura de Nery-Baraldi para o anno seguinte. N'esse intervallo foi cumprir o seu contracto de Londres, onde reappareceu na *Maria de Rohan*, sendo enthusiasticamente recebido pelo publico e muito festejado pela imprensa. Em seguida cantou o *Trovador* — *Lucrecia Borgia* — *Rigoletto* — e *Lucia;* operas do reportorio de Ma-

rio. Foi tambem no *Trovador* que sobretudo agradou em Londres, segundo os jornaes d'aquella cidade que aqui nos trouxeram a noticia do triumpho completo e brilhante alcançado pelo mavioso tenor n'esta opera, em que mereceu a não vulgar honra do *bis* no adagio da aria, e na romança do *Miserere*. Quatro noites fez Baraldi o papel predilecto do celebre Mario, merecendo applausos dos inglezes!

Finda a estação de Londres, Nery-Baraldi foi, com a companhia de que fazia parte, a Dublin, Manchester, Liverpool e Birmingham, alcançando em todos estes theatros tudo o que um artista de talento pode ambicionar. O empresario do theatro do Lyceum escripturou-o por mais tres annos, augmentou-lhe o estipendio, o que é uma prova não só de quanto em Londres é estimado, mas ainda de que dá interesse e é util ao theatro, que é o que geralmente mais importa ás emprezas.

Voltou Baraldi a Lisboa, onde enriqueceu o seu bello reportorio com mais uma opera, a *Anna Bolena*, onde interpreta a parte de *Percy*, que é adaptada exactamente a todos os seus recursos, de modo difficil de ser excedido.

Dizer que ainda no meio da estação começou toda a imprensa a aconselhar a sua nova escriptura por mais um anno, é justificar os elogios sinceros que aqui lhe gravo como padrão da minha estima e admiração.

Nery-Baraldi foi a Londres, onde mereceu o mesmo acolhimento do anno antecedente, e chegou aqui nos principios de outubro ultimo, começando a sua terceira época no theatro de S. Carlos, com o *Trovador*; opera que teria feito este anno um *fiasco* monumental se o *bravo* tenor a não tivesse salvo. Não careço de commemorar o modo como o publico applaudiu o seu antigo e sympathico amigo, assim que lhe ouviu a voz entre os bastidores, na *romanza* do primeiro acto, nem os applausos com que todas as noites tem sido victoriado.

O exito extraordinario que o *Barbeiro de Sevilha* está obtendo, deve-se em grande parte ao gracioso tenor, para quem esta opera é o mais lustroso triumpho d'este anno.

Dentro em pouco Nery-Baraldi nos deixará talvez para sempre, e irá colher novos louros a Madrid e a Londres.

Um defeito invencivel attribuiam a Nery-Baraldi no primeiro anno os *maestros* de botequim, os criticos do *salão*, e até um ou dois jornalistas, que pretendem reunir a competencia de Berlioz, ou Fiorentino, com a tactica jornalista de Rodrigues Sampaio, e que saltam do artigo de fundo sobre morgados, ao *compte-rendu* de uma opera, com a mesma facilidade com que Tamberlick dá o seu *dó diéze*. Este grande defeito era a monotonia no canto! Será monotono um cantor que é

ouvido com especial agrado tres annos seguidos por um publico que é sempre o mesmo, pode assim dizer-se, todas as noites? E ainda este anno, o presentimento de que talvez o não ouviremos mais nos faz aprecial-o como nunca! Ainda outro defeito ouvi censurar em Baraldi. É a economia demasiada de gestos. Nery-Baraldi sabe que a arte não foi destinada a parodiar a natureza, mas antes a glorifical-a. É moderado na acção, mas é sempre proprio e intelligente, e tão bom actor como qualquer outro cantor distincto, dos que tem honrado, e dado nome á nossa scena lyrica.

Os artistas portuguezes tratam todos Nery-Baraldi como seu patriota e amigo sincero. Nunca d'elle careceram, que o não achassem.

Quando no anno passado falleceu o nosso primeiro actor, Epifanio, Baraldi foi o primeiro a quem occorreu a idéa de se fazer um beneficio no theatro de S. Carlos em favor da viuva e orphãos do artista portuguez.

Sempre se encontra o nome do nosso tenor predileto nos cartazes de beneficios de caridade, e nunca desgraçado lhe estende a mão que a retire vasia.

No cumprimento dos seus deveres é de tal modo exacto, que em tres annos só fez transferir um espectaculo, por estar doente. O zelo incançavel, e até talvez demasiado pelo bom andamento do theatro, a educação que lhe prohibe metter-se nas

mil intrigas que se cruzam por entre os bastidores, fazem de Nery-Baraldi um bom camarada e um artista util.

Não é lisonja vil o que digo de Nery-Baraldi. Escrevo em Lisboa onde ninguem ignora o que ahi fica testemunhando a minha consideração por elle.

«O nome de Baraldi, (disse um distincto escriptor fallando d'este artista), jámais se riscará da memoria dos *dilletanti* do nosso theatro, e estou persuadido de que elle tambem nunca se esquecerá do povo portuguez, e de quanto lhe deve.»

Para nós a saudade, para elle a recordação, porém uma recordação agadavel e gloriosa.

Fevereiro de 1859.

X

A' MEMORIA DE D. PEDRO V

A' memoria do Sr. Rei D. Pedro V [1]

Quem vocet divum populus ruentio
Imperé rebus?.....
Hor. — O. 2.

Fecharam-se os theatros, suspenderam-se os espectaculos publicos, está a cidade de luto, não podemos n'este numero corresponder ao titulo e indole d'este jornal...

Que significam estes choros? Que quer dizer esta desolação d'um povo inteiro? Que desventura veio ferir no coração esta cidade, e o reino? Que imponente e funebre cortejo é esse?

S. M. El-Rei o sr. D. Pedro v — *O desditoso* — já não pertence á terra, de que a morte o desligou, e onde sorveu até ás fézes o calix da desgraça!... Esse numeroso prestito que vêdes é o acompanhamento dos restos mortaes de S. M. ao jasigo real de S. Vicente de Fóra...

[1] Artigo publicado na *Chronica dos Theatros.*

Rei do povo, ao lado do qual esteve sempre nos momentos de perigo, é pelo povo acompanhado até á derradeira morada.

São as lagrimas a mais eloquente lingoagem da dôr. Reparae, se a vista se vos não turva!... Passam os mais desfavorecidos da fortuna, os operarios, os negociantes, os artistas, os alumnos das escolas superiores, os homens de sciencia, os jornalistas, os magistrados, os altos dignatarios, e em todos se conhece a magoa profunda que os afflige.

Não se decretam, nem se improvisam estas sentidas manifestações, que são o merecido louvor do fallecido monarcha, e o tocante epilogo do seu infeliz reinado.

Morreu o sr. D. Pedro v, e a nação considera-se orphã, porque o rei era pae, e extremoso pae.

Foi tamanho o golpe e tão universalmente sentido, que o paiz julgou ser este o ultimo com que a *Providencia* queria experimentar os portuguezes.

Que lição e que exemplo! Em D. Pedro v se vê o modelo de homens e de reis, e no luto espontaneo da nação se conhece a indole do povo, quando gosa a liberdade ampla, que faz de todos irmãos nas grandes crises, e communs, a alegria ou o pesar.

São os portuguezes cortezãos da virtude, cortezãos da desgraça, não do poder. O sr. D. Pedro v já nada póde, e é agora que se conhece quanto

amor lhe não tinha este bom e leal povo, que não é de acclamações nas praças publicas, nem de enthusiasmos passageiros por merecimentos duvidosos, mas sente, e sente profundamente, e é mais dedicado que nenhum outro.

E assim devia de ser. Rei e povo fraternisaram na desgraça. Áquelle assignalou a sorte no berço, e Deus quiz provar-lhe o animo por todos os modos. Aos primeiros revezes, como o roble que desafia a tempestade, resistiu seguro. O ultimo desgosto vergou-o, e abateu-o em poucas horas.

Choremos e oremos. A oração do christão eleva-se aos pés do Senhor, e conforta as almas mais desconsoladas; as lagrimas alliviam a dôr, e mitigam a paixão. Logo virá a razão apontar-nos para o successor de D. Pedro V, que é filho da mesma escóla, e já proclamou que procuraria seguir os nobres exemplos do mais caro dos irmãos. O desasocego não terá razão de ser.

A saudade sim, e perenne saudade, que nada poderá apagar em quanto viver um contemporaneo do bom principe e grande cidadão que a morte roubou a Portugal.

PEDRO MONGINI

XI

Pedro Mongini

Tenor absoluto do real theatro de S. Carlos

I

Os primeiros annos d'este seculo seguiram-se rapidos e agitados, ao som das trombetas guerreiras, do rufar dos tambores, do troar dos canhões. A Musa da melodia italiana, que este rude concerto de batalhas fatigára, conservava-se escondida, como que envergonhada, e silenciosa. Os nomes immortaes dos Porpora, Scarlatti, Leo, Pergolese, Jomelli, Piccini, brilhavam ainda no firmamento da arte, e a pleiade não menos luminosa, onde resplandeciam os Sacchini, Cimarosa, Guglielmi, Pavesi, não conseguia eclipsal-os. Paesiello, o suave Paesiello, fazia vibrar os ultimos accordes da sua lyra encantadora. Mas, não obstante os thesouros inextinguiveis prodigalisados por estes mestres da arte, a musica italiana, na phrase de Léon Escudier, parecia atemorisar-se com os hymnos de guerra, e com a bulha sinistra da artilheria.

(1) Artigo publicado na *Chronica dos Theatros*.

De todas as partes da musica, a arte do canto, propriamente dita, é a mais delicada, senão a mais difficil. O espirito humano, não podendo conservar-se immovel, e contentar-se de ter só entrevisto um lado da natureza das coisas, quiz penetrar o mysterio da formação do som, e conhecer os phenomenos que d'aqui resultam; em seguida, inventou methodos, não só para dirigir melhor as forças da natureza, mas para auxilial-as e até suppril-as, em caso de necessidade! Resulta d'estes esforços, que o canto, mais natural ao homem do que a palavra, como já tivemos occasião de provar n'outro logar[1], tem passado por todas as vicissitudes por que teve de passar a musica, e a industria humana.

No principio d'este seculo, a Italia, acabrunhada pela dôr, gemia como a captiva das margens do Euphrates.

Os grandes cantores quasi só eram conhecidos por tradicção. Farinelli, Sénésino, Gabrielli, Crescentini, Celeste, Coltellini e a Faustina, chamados deuses da musica, desapparecem uns após outros. Alguns momentos em que Malibran sabia evitar a exaggeração, e conservar-se na expressão verdadeira, com a sua execução irreprehensivel, eram os unicos em que se fazia idéa do merecimento dos cantores do seculo dezoito.

[1] Nota — *A Lyra* — ao poema dos *Fastos*, de Ovido, traducção de A. F. Castilho.

Serenou a tempestade. Rasgaram-se emfim os horisontes. Começou a despontar o sol da independencia e liberdade, que antes do fim do seculo devia demostrar-se radiante, e a musica italiana com Rossini, Donizetti e Bellini, o *bel canto* com Rubini, Garcia, Fodor, Sontag, David, Lablache, Ronconi, Mario, Alboni, Tamberlik, Lagrange, Fraschini, Mongini e poucos mais, tem resplandecido, não só tão fulgurante, mas, talvez, com mais explendido brilho.

II

Diz-se dos cantores como dos instrumentos, que as perfeições e vocações são raras; o violino é perfeito, Mongini nasceu predestinado.

Roma, que fez conhecer ao mundo as bellas artes dos gregos, Roma, a famosa patria dos artistas mais eminentes, foi tambem a patria do cantor, a quem hoje levantamos um modesto monumento.

A 29 de outubro de 1829 nasceu Pedro Mongini. Foram seus paes o advogado João Mongini, já fallecido, e Catharina Brizzi della Rosa, que ainda hoje vive, e tem gosado com intimo jubilo os triumphos de seu amado filho. Seduzido pelo uniforme, Mongini sentou praça no regimento de dragões. Não era porém só o desejo de enfeitar-se com pennachos e galões, o que o levára a preferir a carreira militar, era tambem decidido gosto

pela vida aventurosa do soldado. Por isso em 1848 já era official, e fez a guerra d'esta epoca, sendo ferido na perna direita com uma bala de metralha, no famoso ataque da Porta de S. Panerazio em Roma.

Restabelecido o governo do Papa, foi demittido Mongini com muitos officiaes.

Vendo cortada a carreira, que apenas começára, desesperando do futuro da sua bella Italia, completamente desanimado, o futuro cantor lembrou-se de que aprendera musica, e sendo ouvido pelo *maestro* Concordia, foi aconselhado por este celebre professor a dedicar-se ás scenas lyricas, — «*come dotato da natura di voce eccezionale.*» Começou, com effeito, a receber lições de canto do citado *maestro*, foi depois a Bolonha tomar lições do professor Tadalini, e no carnaval de 1853 estreiou-se no Carlo Felice de Genova, e em abril do mesmo anno na feira de Ferrara.

Desde o dia em que, estando a dar lição de musica a uma irmã de Mongini, o professor Concordia o ouviu *cantarolar*, o chamou e aconselhou a seguir a carreira artistica, até hoje, parece que uma estrella propicia tem sempre protegido o bravo tenor. A queda da republica romana foi a sua primeira felicidade; sem essa catastrophe seria talvez hoje um simples capitão, ganhando tristemente os magros *baioccos* com que se paga o soldo do exercito romano.

Para conseguir *debutar*, Mongini fez um contracto oneroso por muitos annos com um emprezario de Turim, Giaccone. Estreia-se, agrada immenso. O emprezario exulta, julga ter encontrado no novo artista um thesouro inexhaurivel, e, passado um anno, morre, deixando livre o seu hypothecado, que teria ganho para outro, sem este fallecimento, a fortuna que possue.

Mongini começou por cantar de barytono e hoje tem uma bellissima voz de tenor agudo, subindo, sem esforço visivel, até ao *dó* natural. Ha muitos exemplos do contrario. Este facto porém, é rarissimo, e só me lembra agora de Ciaffei, a quem aconteceu começar por baixo profundo, passar a barytono, e acabar cantando de tenor.

Os triumphos tem acompanhado Mongini desde o começo da sua nova carreira, pois os seus dons naturaes, cultivados sob a direcção de bons professores, apresentaram-no logo ao publico e aos criticos como um cantor, de quem havia tudo a esperar.

Tem cantado de setembro de 1853 a abril de 1854 no Real Theatro de Madrid, de 54 a 55 em Roma, verão de 55 em Napoles, 55 a 56 em Pariz, primavera de 56 na feira de Ancona, verão de 56 na grande feira de Bergamo, no outono do mesmo anno em Florença, no carnaval seguinte no theatro Regio de Turim, na primavera de 57 na abertura do theatro Regio de Modena, estação

theatral de 57 na feira de Padova, e depois no theatro Fenice de Veneza por cinco recitas extraordinarias. De 1857 a 58 no theatro Imperial de S. Petersburgo, quaresma d'este anno na Scala de Milão, e depois em Trieste, verão de 58 no Lyceu de Barcelona, 58 a 59 outra vez em S. Petersburgo. Primavera e verão em Londres.

De 1859 a 1860 cantou pela terceira vez em S. Petersburgo; primavera e estio segunda vez em Londres. De 1860 a 1861 pela quarta vez em S. Petersburgo, quaresma d'este anno em representações extraordinarias na Scala de Milão, verão na abertura do theatro Carpi de Modena. De 1861 a 1862 ainda uma vez em S. Petersburgo, primavera e verão d'este ultimo anno de novo no Lyceu de Barcelona. Finalmente de 1862 a 1863 no nosso theatro de S. Carlos, para onde acaba de ser escripturado para a proxima estação de 1863 a 1864.

Seria difficil, muito longa, e sem novidade para nós, que temos feito o mesmo, a descripção minuciosa das differentes ovações com que Mongini foi acolhido em toda a parte, a commemoração dos applausos com que sempre tem sido saudado, a relação das varias manifestações de apreço e estima, que lhe tem sido até hoje prodigalisadas nas scenas lyricas onde tem cantado. Basta enumerar os theatros para que tem sido escripturado, e as vezes que foi reconduzido, para se fazer idéa com-

pleta do enthusiasmo que tem excitado, e da esperança que n'elle tem posto as emprezas de theatro italiano de canto.

Tem perccorrido ovante Genova, Ferrara, Madrid, Roma, Napoles, Pariz, Ancona, Forli, Bergamo, Florença, (duas vezes); Turim, Modena, Padova, Veneza, S. Petersburgo, (cinco vezes): Milão, (tres); Barcellona, (duas); Trieste, Londres, (duas vezes); Carpi e Lisboa, tendo executado as seguintes operas: Rigoleto, Giuramento, Maria di Roan, Masnadieri, Lucrezia Borgia, Attila, Trovatore, Lombardi, Vespri Siciliani, Foscari, Simon Boccanegra, Ballo in Maschera, Marino Falliero, Lucia, Anna Bolena, Domino Nero, Barbiere, Guglielmo Tell, Otello, Roberto il Diavolo, Frescinz, Favorita, Oberon, Sonnambula, Norma, Puritani, Traviatta, Marta, Vittor Pisani, Bravo, Ernani, Medea, Luiza Miller, Poliuto, Ebreo, Anna Lapry, e outras.

III

Em Lisboa estava reservada ao eminente artista uma dura provação com que á Providencia approuve experimental-o.

Como os nossos leitores estão lembrados dos receios que tiveram, da incredulidade de que alguns chegaram a dar imprudentes provas, da consternação da empreza do theatro de S. Carlos, e do sangue frio e força de vontade de Mongini, con-

taremos o caso em poucas palavras, visto que infelizmente nos vae faltando o espaço, de que podemos dispôr. Chegado á nossa bella capital, convalescente de uma enfermidade rebelde, o corajoso artista não receiou estreiar-se, antes de restabelecido. O resultado tinha sido previsto. Não poude uzar de todos os seus raros e admiraveis recursos vocaes, ficou muito abaixo da sua reputação, e recaiu doente.

A doença prolongou-se. O publico desconfiado a principio, mas captivado logo pela figura elegante e sympathico semblante de Mongini, começou a interessar-se por elle, e quando o viu depois em scena, recebeu-o com uma salva de palmas. Restabelecido e animado, o artista mostrou o que podia, e avassallou até os que tinham apregoado a sua doença como antiga, chronica, incuravel. Desde esse dia basta annunciar uma opera com Mongini para a empreza contar com uma enchente. Do modo por que tem desempenhado os papeis, que lhe competem, temos feito chronica nos numeros antecedentes. A imprensa unanime, o publico sem a menor excepção, louvam, applaudem, victoriam e acclamam Mongini como elle merece. Pedro Mongini pertence ao pequeno numero de bons cantores, que hoje existe: conserva as tradições dos seus ascendentes do seculo passado. É um artista do seculo XVIII, alheio aos desvarios a que se tem entregado algumas notabilidades actuaes a quem a

musica é apenas um pertexto para *gargantearem* a seu bello prazer. Mongini *canta bem*, e a belleza da sua voz só póde ser comparada á maneira por que é empregada. O mechanismo do canto é admiravel. A emissão de voz é bem feita, a respiração bem regulada, a execução dos ornatos e *fiorituri* purissima, e, o que é mais raro, a entoação perfeita.

O agrado do publico tem-lhe sido manifestado por todos os modos por que se traduz a gloria para os cantores, e a proxima noite do seu beneficio deve recordar, a julgar pelos perparativos, os tempos saudosos da Alboni e Castellan, em qne *guelphos* e *gibellinos*, pactuando algumas noites, immortalisaram aquellas cantoras pelos monumentaes triumphos que lhes proporcionaram!

Março — 1863.

NOTA

Nota

Ha mezes emprehendi a publicação de um livro, e resolvi coordenar e reunir em volume alguns artigos publicados por mim na *Revista de Lisboa*, *Archivo Universal* e *Chronica dos Theatros*, addicionando-lhes a nota aos *Fastos*, que se lê na monumental traducção de Ovidio, pelo sr. Castilho.

O desejo de offerecer o meu trabalho ao sr. conselheiro Antonio José Viale foi o motivo unico da minha resolução. Não me movem, nem podiam mover outras considerações a publicar escriptos de nenhum valor para a litteratura patria, nenhuma utilidade para os leitores, nenhum merecimento, além da manifestação sincera do meu respeitoso culto pelas boas lettras, e pelos seus cultores illustres.

Eu sou na litteratura o que sou na musica. Um *dilettante*, e nada mais. Comecei a vida por onde muitos litteratos acabam. Comecei por empregado publico, e, para conservar uma certa independencia e viver longe das polemicas da politica, acceitei o suicidio moral que me impuzeram com a nomeação d'aspirante d'Alfandega, logar que não pertence

ao numero d'aquelles rendosos e poucos trabalhosos, a que aspiram ordinariamente os deputados da maioria.

Os meus estudos predilectos foram interrompidos, os meus livros queridos ficaram fechados na estante, e eu voltei-me das chronicas e poemas para a pauta geral das alfandegas. O salto é mortal. Não ha Leotard, que o vença. Resolvi não ler, e sobretudo não escrever mais uma linha, e ainda nada tinha publicado! Protestos de jogador foram esses. Em se annunciando obra de vulto, comprava-a e lia-a sem tomar o folego, do principio ao fim. Muitas vezes eram os proprios auctores, que me offereciam as suas producções em attenção ás suas relações commigo, pois o meu gosto pelas lettras levou-me naturalmente, e sem eu me intrometter onde não era chamado, a travar relações com a maioria dos litteratos do nosso paiz.

Entre todos olhei sempre com admiração e enthusiasmo, respeito e veneração, o nosso primeiro poeta, o meu mestre e amigo, o mestre e amigo de todos, que trabalham honestamente, o sr. Antonio Feliciano de Castilho. O poeta, com aquella superioridade que todos lhe reconhecem e não poucos lhe invejam, convidou-me um dia a escrever uma nota para a sua immortal traducção dos *Fastos*. Não estava preparado para tal convite. Recusei quasi envergonhado. Insistiu o sr. Castilho, com benevolencia de pae extremoso, levou-me a prometter um artigo sobre a *lyra*, elle o poeta coroado, elle o dictador do Parnaso, elle rival d'Apollo, conseguiu que eu promettesse tratar de assumpto que só por poetas podia e devia ser tratado. Cumpri a promessa, e enviei o meu trabalho acompanhado de uma humilde carta, pedindo a indulgencia indispensavel. Recebi em resposta outra carta que guardo religiosamente, e não publico agora aqui, por temor que mais uma vez os elogios do presidente da republica litteraria aos cidadãos que arrostam com a publicidade, sejam transformados por mal intencionados em pedradas contra elle.

Reuni, tendo pedido a necessaria auctorisação, a nota a que me referi, a artigos, escriptos ao correr da penna, e dispersos pelos jornaes, que m'os pediram e acceitaram.

Tencionava rever com attenção as provas d'esta edição, corrigir, quanto em mim coubesse, os erros que encontrasse, ampliar algumas considerações, cortar o que me parecesse indigno de publicidade, emfim dar n'este livro a medida das minhas forças. Não o pude fazer. A impressão foi feita, vagarosamente sim, mas sem eu poder dirigil-a. Obrigações e devoções, e mais do que tudo, um acontecimento que mudou completamente a minha maneira de viver, e fazendo concentrar os meus deveres e prazeres nas affeições de familia, me deu o antegoso da bemaventurança eterna, afastaram-me dos trabalhos litterarios, em que repousava das canceiras do serviço publico. Dadas estas explicações para descargo de consciencia, e não para conciliar a benevolencia da critica, que ainda se não incommoda commigo, finalisarei agradecendo profundamente ao ex.mo sr. conselheiro Antonio José Viale, meu erudito professor, a honra que me concedeu acceitando a humilde dedicatoria d'esta bagatella litteraria.

José Maria Bastos.

INDICE

ERRATAS

Além de outras, que só incrivel malevolencia me attribuiria, encontram-se n'esta edição as seguintes erratas:

Pag. 3 linha 10, *em logar de* — raros dotes de belleza de elegancia, ou de talento, *deve ler-se* — raros dotes de belleza, elegancia ou talento.

Pag. 35 linha 8, *onde se lê* — os numerosos conventos estavam *atapetados*, *leia-se* — os numerosos conventos estavam *atulhados*.

Pag. 50 linha 24, *onde se lê* — que se avistam, *leia-se* — que se avista.

Pag. 55, linha 9, *em vez de* — *Genova*, *deve ler-se* — *Geneva*.

Na pag. 95, linha 6, *deve ler-se* — Gaetano Bazzi, o mais intelligente e habil.